

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

PERSISTÊNCIA ÓPTICA: ONDE ESTÁ A DANÇA?

UBERLÂNDIA

2023

FERNANDA BERNARDINO GUIRÁU

PERSISTÊNCIA ÓPTICA: ONDE ESTÁ A DANÇA?

Trabalho de conclusão de curso a
presentado a Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre José Molina.

Coorientador: Alexis S.F

UBERLÂNDIA

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G965
2024

Guiráu, Fernanda Bernardino, 2002-
Persistência Óptica: Onde está a dança? [recurso
eletrônico] / Fernanda Bernardino Guiráu. - 2024.

Orientador: Alexandre José Molina.

Coorientador: Alexis Ferreira da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Dança.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Dança. I. Molina, Alexandre José ,1978-, (Orient.).

II. Silva, Alexis Ferreira da,1988-, (Coorient.). III.

Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Dança.

IV. Título.

CDU: 793.3

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

DEDICATÓRIA

Eu dedico esse memorial ao meu eu do passado que nunca imaginaria chegar aonde eu cheguei, as coisas que descobri sobre mim, sobre o mundo e principalmente sobre o meu fazer arte. Também dedico ao meu eu do futuro como forma de lembrança e de incentivo para todas as vezes que um perrengue chegar até minha vida, eu me lembre de tudo que eu passei e sobrevivi.

E agora a dedicatória mais importante, dedico ao meu pai Nardin, a minha mãe Sandra, ao meu irmão Felipe e a minha cunhada Larissa. Eles nunca largaram a minha mão, mesmo estando a quilômetros de distância. Mãe, obrigada por sempre me encorajar a seguir meus sonhos, torcer por mim e me ajudar a levantar quando os tombos vêm; obrigada por me inserir nesse mundo da arte e por ser a minha maior inspiração, sou sua fã número um.

AGRADECIMENTOS:

Seguindo os passos do meu parceiro Snoop Dogg, eu queria me agradecer por ter aguentado tudo e não ter desistido, por ter dado o meu máximo sempre, mesmo quando meu máximo é o mínimo. Queria me agradecer por ter escolhido entrar nessa jornada e ser tão curiosa sobre as coisas, por ser apaixonada pelo que faz, mesmo que passe raiva na maior parte do tempo.

Agradeço a Deus por sempre estar comigo, mesmo e principalmente nas noites traiçoeiras, agradeço por cada dia vivido, cada oportunidade, cada risada, cada benção que o Senhor mandou em minha direção, mesmo sem eu merecer. Obrigada Maria mãe de Jesus por sempre passar na frente e me guiar.

Obrigada família por me incentivarem a explorar o mundo, por todo amor e por todos os áudios e/ou ligações. Te agradeço novamente mãe por ser minha mãe e ser a melhor do mundo. Quero agradecer também as minhas amigadas do estágio que compartilharam do mesmo surto que eu – as gatinhas vão formar bebê.

E por último, obrigada a tudo que deu errado e todos que dificultaram esse processo. A mamãe aqui conseguiu!

RESUMO:

Este texto é um memorial sobre meu processo de criação artística em desenvolvimento nas disciplinas de Estágio Supervisionado I, II e III e Práticas Corporais I, II e III, do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia. Nele eu conto sobre meu processo de criação e as pesquisas a ele relacionados, articulando aspectos relativos à dança, ao desenho e às multimídias, tendo como principal ferramenta os flipbooks. Também comento as estratégias usadas por mim nas disciplinas, as testagens dos materiais mobilizados, além de pensamentos e reflexões acerca dos altos e baixos de uma pessoa que estuda e trabalha ao mesmo tempo.

PALAVRAS-CHAVE:

Flipbook, Stop Motion, Dança, Fotografia, Público, Interação, Desenho, Movimento, Persistência Óptica.

ABSTRACT:

This text is a memorial about my artistic creation process in development in the disciplines of Supervised Internship I, II and III and Body Practices I, II and III, of the Bachelor's Degree in Dance at the Federal University of Uberlândia. In it I tell about my creative process and the research related to it, articulating aspects related to dance, drawing and multimedia, having flipbooks as the main tool. I also comment on the strategies used by me in the disciplines, the testing of the materials mobilized, as well as thoughts and reflections about the ups and downs of a person who studies and works at the same time.

KEY-WORDS: Flipbook, Stop Motion, Dance, Photography, Public, Interaction, Drawing, Movement.

LISTA DE IMAGENS

- IMAGEM 1 – FOTOPERFORMANCE DO MUSEU DO CORPO (NÃO VISTO)**
- IMAGEM 2 – PERFORMANCE O CORPO (NÃO) VISTO**
- IMAGEM 3 – PERFORMANCE O CORPO (NÃO) VISTO**
- IMAGEM 4 – DESENHO: CHEGADA NA UFU**
- IMAGEM 5 – DESENHO:MULHERES TORTAS**
- IMAGEM 6 – DESENHO: EXPERIMENTOS NA PANDEMIA**
- IMAGEM 7 – DESENHO: MUSEU DO CORPO (NÃO) VISTO**
- IMAGEM 8 – DESENHO: TRABALHO DE VISUALIDADES**
- IMAGEM 9 – DESENHANDO FORMAS**
- IMAGEM 10 – EXPERIMENTANDO FORMAS**
- IMAGEM 11 – DESENHO: PERFORAMANCE O CORPO (NÃO) VISTO**
- IMAGEM 12 – DESENHO: CORPOGRAFIA**
- IMAGEM 13 – DIAGRAMA INICIAL**
- IMAGEM 14 – DIAGRAMA COMPLEXO**
- IMAGEM 15 – PRIMEIRO EXPERIMENTO GUIADO COM A CÂMERA**
- IMAGEM 16 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO ATRAVÉS DO CAMPUS**
- IMAGEM 17 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO MODIFICANDO O ISO**
- IMAGEM 18 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO MUDANDO O FOCO**
- IMAGEM 19 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO EM BUSCA DE SIMETRIA**
- IMAGEM 20 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO E EDIÇÃO**
- IMAGEM 21 - ESPAÇO, TEMPO E RITMO DA AÇÃO**
- IMAGEM 22 – INTERVALOS, EXTREMOS E POSES DE PASSAGEM**
- IMAGEM 23 – EXERCÍCIO DE FEEDBACK: O QUE FUNCIONOU PARA MIM
FOI...**
- IMAGEM 24 – EXERCÍCIO DE FEEDBACK: PERSPECTIVA**
- IMAGEM 25 – EXERCÍCIO DE FEEDBACK: REFLEXÃO COM CONCEITO**
- IMAGEM 26 – CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
PESQUISADORES EM DANÇA**
- IMAGEM 27 – RELATO DE EXPERIÊNCIA**
- IMAGEM 28 – RELATO DE EXPERIÊNCIA**
- IMAGEM 29 – RELATO DE EXPERIÊNCIA**

IMAGEM 30 – FOTOPERFORMANCE DE PERSISTÊNCIA ÓPTICA

IMAGEM 31 – FOTOPERFORMANCE DE PERSISTÊNCIA ÓPTICA

IMAGEM 32 – FOTOPERFORMANCE DE PERSISTÊNCIA ÓPTICA

IMAGEM 33 – COMPARTILHAMENTO EM SALA DE AULA

IMAGEM 34 – EXERCÍCIO DE FEEDBACK

IMAGEM 35 – EXERCÍCIO DE FEEDBACK

IMAGEM 36 – EXERCÍCIO DE FEEDBACK

IMAGEM 37 – EXERCÍCIO DE FEEDBACK

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. ESTÁGIO SUPERVISIONADO I E PRÁTICAS CORPORAIS I – PROCESSO

2. ESTÁGIO SUPERVISIONADO II E PRÁTICAS CORPORAIS II – TESTAGENS PRÁTICAS

2.1. MATERIAIS INTERATIVOS – FLIPBOOKS

2.2. COMPARTILHAMENTOS PERIÓDICOS E FEEDBACK

2.3. FOTOGRAFIAS - FOTOPERFORMANCES

3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO III E PRÁTICAS CORPORAIS III

3.1. RELAÇÕES COM PÚBLICO, EXPOGRAFIA E ESPAÇO

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

Este texto é um humilde memorial de uma artista em processo de se descobrir artisticamente a partir de suas inquietações e encontrar quem são seus parentes artísticos e o que eles produzem – tudo isso em processo de criação em Estágio Supervisionado I, II e III, Práticas Corporais I, II e III (semestres 2022.2, 2023.1 e 2023.2), com os docentes Alexandre Molina e Carolina Minozzi respectivamente; trabalhar a noite de garçomete, crises existenciais e entre outras coisas. Detalhe, essa artista sou eu, Fernanda Guiráu, 21 anos, cursando bacharel em Dança na UFU desde 2020. Acho válido começar pelo início, mas não o verdadeiro, mas aquele do qual me lembro. Desde as primeiras memórias que consigo buscar, lembro de ser apaixonada pela arte, lembro-me de colocar os DVDs da minha mãe para tocar, colocar uma roupa diferente, pegar o controle e começar a cantar; de ter meus próprios DVDs, sendo o principal deles, o show da banda Rebelde¹, onde eu cantava e dançava, sabendo que era isso que eu queria para minha vida.

Com o passar do tempo, vieram os vídeos no Youtube ensinando passo a passo de coreografias que eu precisava aprender, queria dançar todas, sempre nas tardes após as aulas, eu aprendia uma dança nova, tudo culpa do Daniel Saboya². Nesse período, quando comecei a procurar coisas em outras plataformas, encontrei pessoas desenhando e achei aquilo incrível, como será que aquela pessoa conseguia fazer uma mão tão realista? E foi assim que comecei a dedicar meu tempo para aprender a desenhar.

Comecei contornando por cima da tela do computador, desisti por um tempo, voltei tentando desenhar olhando as coisas e foi aí que as coisas começaram a se desenvolver mais rápido. Eu procurava referências de desenhos no google e reproduzia-as através da observação e, acredito que

¹ Também conhecida como RBD, é uma banda pop mexicana que teve seu início em 2004, juntamente com sua própria telenovela que durou até 2006. Os integrantes, Alfonso Herrera, Anahí, Christian Chávez, Christopher von Uckermann, Dulce María e Maite Perroni, interpretavam adolescentes em um colégio cheio de intrigas usando a clássica roupa de uniforme com camisa social branca, gravata e blazer vermelhos. Tanto a telenovela quanto a banda fizeram um sucesso estrondoso. Seus shows eram cheios de trocas de roupas, danças, interações e pirotecnia. A telenovela ganhou um remake brasileiro com os atores: Sophia Abrahão, Lua Blanco, Arthur Aguiar, Micael Borges, Mel Fronckowiak e Chay Suede.

A banda teve seu fim em 2009 e seu retorno em 2023, com uma turnê mundial cantando seus maiores sucessos como *Así soy yo*, *Otro día que va*, *Enseñame*, *Sálvame*, entre outras.

² Dançarino, coreógrafo e professor de dança brasileiro. Daniel é conhecido por seu canal no Youtube, onde desde 2011, posta vídeos de coreografias autorais e seus respectivos tutoriais. Inicialmente ele contava com a participação das duas dançarinas Rosana Maria – que também é atriz, coreógrafa e cantora – e Izabela Leite, que também é personal trainer; atualmente, a equipe conta com Mari Duarte, Jéssica Amorim, Breno Lisboa, Mayara Araújo, Nathalia Melo, Tainá Grando, Vitória Falcão, entre outros convidados.

Link do canal: [Dan-Sa / Daniel Saboya - YouTube](#)

até hoje esse é o meu forte, mas logo me senti saturada, queria saber desenhar sem ter uma referência - materializar algo da minha cabeça - algo que vem sendo um desafio até hoje.

No início dessa nova jornada, eu tentava materializar rostos (outra coisa que não era muito familiarizada, então matava dois coelhos em uma paulada só) e criava personagens, fiquei nisso por um bom tempo, considerando que conforme vamos crescendo, mais complicada a vida fica e nesse momento eu me encontrava no ensino médio, no Colégio A A Z e Sal da Terra, em Morro Agudo interior de São Paulo – minha cidade natal.

Nessa época da minha vida eu dava meu máximo na escola, fazia parte de grupos de dança que competiam na categoria de KPOP³ nos eventos de animes- músicas pop sul coreanas com grande foco em coreografias elaboradas – tentava socializar em toda festa que aparecia, queria ser independente, focar nos vestibulares, desenhar, cantar, limpar a casa, entre muitas outras coisas. Sendo assim, para a surpresa de absolutamente ninguém, deixei coisas de lado, que hoje em dia vejo que não faz sentido, mas foram eventos importantes para minha história.

Meu foco virou vestibulares e não morrer sozinha, então parei de cantar, saí dos grupos de KPOP e quase nunca desenhava, isso porque nem sabia o que queria fazer de curso de faculdade e do resto da minha vida. Quando somos novos, temos essa urgência de alcançar o máximo de coisas possíveis em um período curto, e ainda sermos bons nisso - patético né, meu eu do presente tenta pensar assim para não se matar e querer abraçar o mundo, mas sinto uma força me puxando nessa direção.

Nos 45 do segundo tempo pesquisei os cursos de artes pelo Brasil, fiz listas de prós e contras, conversei com meus pais e decidi que queria fazer Dança na UFU. Eu nem me lembro o porquê, mas sei que sou muito grata por ter tomado essa decisão. Vale lembrar que entrei em 2020, então estive em Uberlândia apenas na primeira semana de aula e voltei em abril de 2022.

Nesse tempo pandêmico⁴, pude conciliar melhor as coisas, eu programava meus dias com muitas atividades para esquecer a triste e cruel realidade que vivíamos. Nos primeiros meses, criei

³ Músicas do pop sul-coreano, onde os artistas são treinados intensivamente pelas empresas que os contratam, para que eles possam no mínimo cantar, dançar e atuar. O que me impressionava e impressiona até hoje, é a qualidade das coreografias que eram criadas, com diferentes características de movimento e muitas mudanças de lugar para preencher o espaço. Minhas principais referências eram os grupos EXO, GOT7, BTS E BIGBANG.

⁴ De 2020 até 2022 (se é que se pode dizer que houve um fim de fato) o mundo foi marcado pela pandemia do Corona Vírus - COVID-19. O surto teve início em Wuhan na China, no final de 2019, mas ninguém podia imaginar que esses casos isolados poderiam se tornar mundiais.

uma rotina de alongamentos, treinos de coreografias, tentativas de desenhos, diferentes receitas culinárias, qualquer coisa para me manter sã. Isso durou alguns meses, antes de cair nas profundezas da depressão, mas você deve estar se perguntando “por que que essa menina não para de tagarelar?”, mas já te digo, tenha paciência que isso vai fazer sentido.

Continuando, por um bom tempo, fiquei sem fazer nada que eu gostava. Tive metade da minha graduação no modo remoto devido ao Corona Vírus, e era a única coisa que eu fazia, “ir” as aulas. Eu me sentia deslocada, sem entender nada, sem ter contato de fato com outras pessoas – eu via pessoas dançando com suas técnicas adquiridas em aulas de dança e aquilo sempre me fez sentir como se eu não pertencesse àquilo tudo. Não tenho certeza do porquê da minha permanência, acho que só não queria falhar.

Nos períodos remotos, todos os trabalhos que eu entregava eram exclusivamente para conclusão de disciplinas, até que as aulas de Prática em Dança II: Performances do Corpo com o docente Alexandre Molina, surgiram para me tirar desse buraco negro. Lá eu consegui pela primeira vez, criar um trabalho artístico que tivesse a minha cara e que eu tivesse orgulho, esse trabalho se chama Museu do Corpo (não) visto⁵ e consiste em um site na plataforma padlet, que contém fotoperformances interessadas em expressar através da baixa luminosidade, movimentos torcidos e borrões, qual seriam as formas daqueles pensamentos mais obscuros que passavam pela minha cabeça durante a depressão. Eu tenho muito orgulho desse trabalho, apesar de ser rústico.

O vírus se espalhou muito rápido nas aglomerações de pessoas e trazia consigo os sintomas de febre, fadiga, tosse seca, em casos mais graves falta de ar e risco de morte.

O mundo inteiro se encontrou em isolamento indeterminado e esperando uma vacina, foi um período de muitas intubações e mortes, tempos solitários sem poder ver seus parentes e amigos, ficar confinado em sua própria casa. Houve alguns empregos que não puderam fazer essa paralização, então era recomendado distanciamento, uso de álcool 70 para higienização e também o uso de máscaras para prevenir contaminação pelas gotículas que expelimos. Em janeiro de 2021, começa a chegada das vacinas e conseqüentemente o processo de vacinação da população - um processo muito lento por sinal. O público-alvo das vacinas no momento eram idosos, profissionais da saúde e pessoas com doenças respiratórias.

Logo eles começaram a abranger o restante da população, separando as categorias por idade em ordem decrescente. Atualmente algumas vacinas (Coronavac, Astrazenica, Pfizer e Janssen) possuem 4 doses e não é garantia de que você não pegará a doença, mas elas diminuem as chances e a intensidade dos sintomas.

⁵ Disponível em: [Museu do corpo \(não\) visto \(padlet.com\)](https://www.padlet.com/museu-do-corpo-nao-visto)

IMAGEM 1 – FOTOPERFORMANCE DO MUSEU DO CORPO (NÃO) VISTO



FOTOGRAFIA: GUIRÁU FERNANDA, 2020

Esse trabalho teve continuação presencialmente nas aulas de Dramaturgia do Corpo II: Gramáticas Corporais, com a docente Vivian Barbosa. Usei das questões e insatisfações que ainda reverberavam no meu corpo, juntamente com o corpo dramático criado pela nossa turma, consegui construir minha performance chamada O Corpo (não) visto – nela eu trago um interesse na participação ativa do público e continuo a pesquisa das formas obscuras, que se tornaram as formas das cicatrizes internas e externas de cada corpo, e como isso e suas respectivas histórias nos unem em coletivo. A performance aconteceu no saguão do bloco 5U onde eu criei um ambiente íntimo e seguro através de uma roda de conversa sobre as minhas cicatrizes, incentivando que as outras pessoas contassem seus casos e iniciando uma linha de raciocínio sobre coisas que acontecem com todo mundo.

Conforme as histórias iam surgindo, as pessoas vinham até mim para me mostrar suas marcas e reproduzi-las no meu corpo – ao final eu estava quase nua (devido as necessidades de cada marca) e toda pintada. Foi um momento muito emocionante para mim, primeiro trabalho considerado por mim artístico e apresentado pessoalmente, com meu corpo em jogo.

IMAGEM 2 – PERFORMANCE O CORPO (NÃO) VISTO



FOTOGRAFIA: ALEXIS S.F, 2022

IMAGEM 3 – PERFORMANCE O CORPO (NÃO) VISTO



FOTOGRAFIA: ALEXIS S.F, 2022

Depois do fervor da apresentação ter passado, comecei a me perguntar “Onde está a dança?”, apesar do decorrer do curso sempre nos questionarmos sobre o que é dança e olharmos por outras perspectivas, parece que quando é em relação ao nosso próprio trabalho, há uma barreira (sei que se eu visse minha performance no corpo de outra pessoa, não ficaria com as mesmas questões).

Essas inquietações são a base do meu trabalho de Estágio Supervisionado/Práticas Corporais e deste querido memorial. Confesso que durante um tempo isso tudo me consumiu, eram muitas perguntas, pouco tempo para trabalhar nelas, atrasos e indisposições nas aulas por conta do emprego de noite, achei que ia entrar para meu próprio útero e ploft, sumir.

Foi um período de muita insegurança, de pensamentos de que eu não conseguiria aguentar tudo isso, mas cá estou. Usei todo esse sofrimento como pulsão de pesquisa, tentando subverter as coisas no início das disciplinas de Estágio e Práticas - eu sabia falar muito bem sobre essas questões, quando sentia que estava dançando o desenho ficava de lado, quando sentia que estava desenhando, a dança ficava de lado, não havia áreas de contato entre essas coisas (segundo vozes da minha cabeça).

A incansável busca pelo meu eu artístico e pela minha dança se deu ativamente no meu sexto período com as disciplinas de Metodologia de Pesquisa, somada com Estágio e Práticas, vulgo o foco desse texto. Metodologia de Pesquisa foi um desastre, começamos fazendo um inventário de sucessos e fracassos, depois começamos a estudar sobre o método cartográfico e foi aí que todo mundo se perdeu.

Era Deleuze de um lado e “qual o título do seu pré-projeto de TCC?” do outro. Eu estava sentindo uma pressão imensa, pensando que eu tinha obrigação de entender o que estava sendo falado nos textos e que eu deveria saber o que eualaria no meu TCC para fazer esse projeto. Foi um caminho de constantes frustrações, tentei fugir ao máximo do formato de memorial, queria fazer uma pesquisa a parte (sim, ao mesmo tempo que estágio, práticas, emprego, família, quase namoro, ansiedade etc.) mas coloquei no pré-projeto que seria um memorial só para poder entregar e passar na disciplina - aliás o projeto todo, pela primeira vez na vida, fiz de “qualquer jeito”.

No semestre seguinte, com o início de Estágio e Práticas, comecei a entender a potência que um memorial pode ter e que não precisa ser a minha pesquisa de vida pronta e lapidada já no

TCC. Acredito que o modo como tudo foi conduzido, principalmente nesse começo, foi crucial – o caráter processual ficou muito explícito, de modo que fizemos muitas coisas e quase nem percebemos a dimensão.

E foi nesse semestre que eu arrumei mais uma coisa para fazer: uma colaboração com o técnico do IARTE Alexis S. F⁶ que consiste no aprofundamento da minha performance O Corpo (não) visto, explorando com mais ênfase em como estabelecer conexões com outras pessoas através das nossas marcas e cicatrizes dentro do campo da dança, buscando encontrar o formato dessas marcas e resultando na criação de um documentário média metragem. Esse processo é dividido em: familiarização com os materiais de fotografia e filmagem, edição, cenário e iluminação, como realizar entrevistas e testagens práticas.

Eu sei que muita coisa já foi dita, mas prometo explicar nos próximos capítulos e espero que você me acompanhe nessa loucura.

⁶ Formado em Artes Visuais pela UFU desde 2016, atua como artista visual permeando as áreas do desenho, arte digital e fotografia, com grande influência de quadrinhos, cinema, desenhos animados, publicidade e design. Disponível em: <https://www.alexisfs.com.br>

1. ESTÁGIO SUPERVISIONADO I E PRÁTICAS CORPORAIS I – PROCESSO

Inicialmente começamos com a atividade de fazer um inventário da nossa história com a dança no recorte da Universidade, apontando os destaques e os abandonos. Como não tinha um formato específico, pensei em desenhar o meu:

- Minha chegada na UFU em 2020

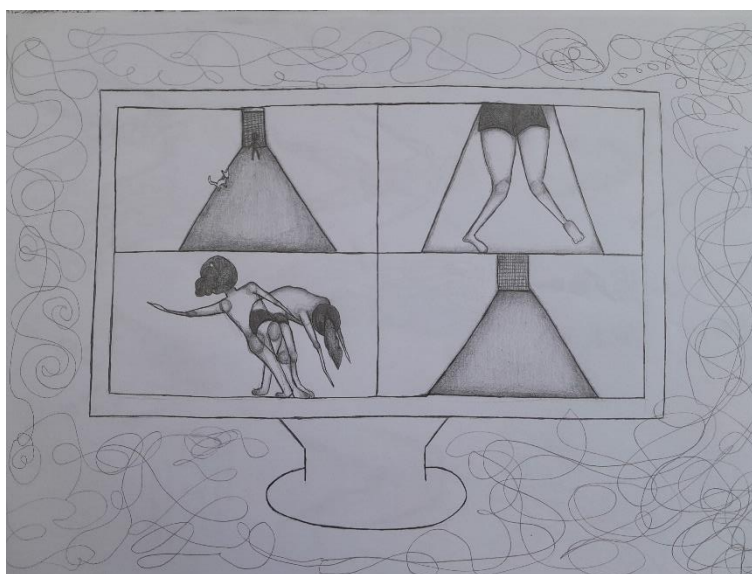
IMAGEM 4 – DESENHO: CHEGADA NA UFU



FOTOGRAFIA: GUIRÁU FERNANDA, 2023

- Trabalho de Educação somática e a Cena IV com a docente Hariane Eva, onde tínhamos que encontrar nosso Narciso interior através do estudo dos gestos daquele coletivo online – foi o primeiro trabalho onde eu não me senti tão deslocada do curso.

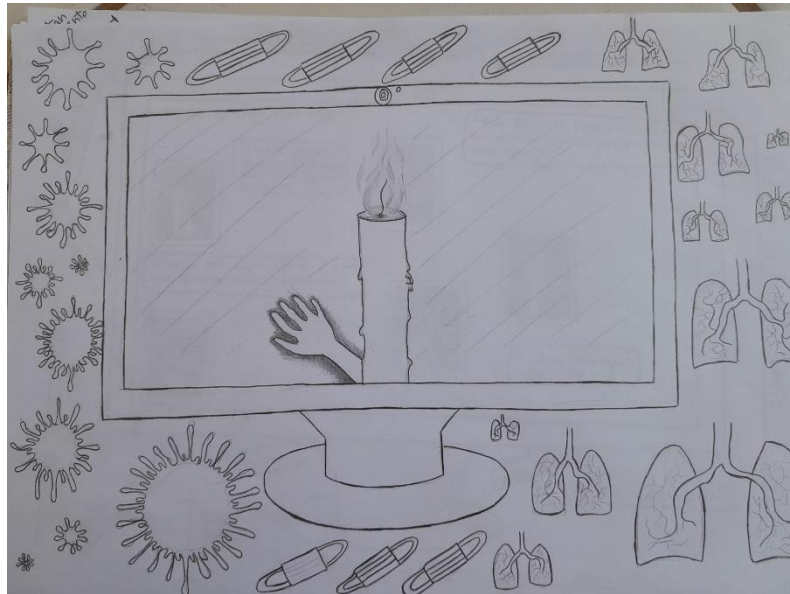
IMAGEM 5 – DESENHO: MULHERES TORTAS



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

- Trabalho de Dança Contemporânea/ II com o docente Ricardo Alvarenga, onde investiguei movimentações a partir do fogo de uma vela e explorei o uso de uma câmera.

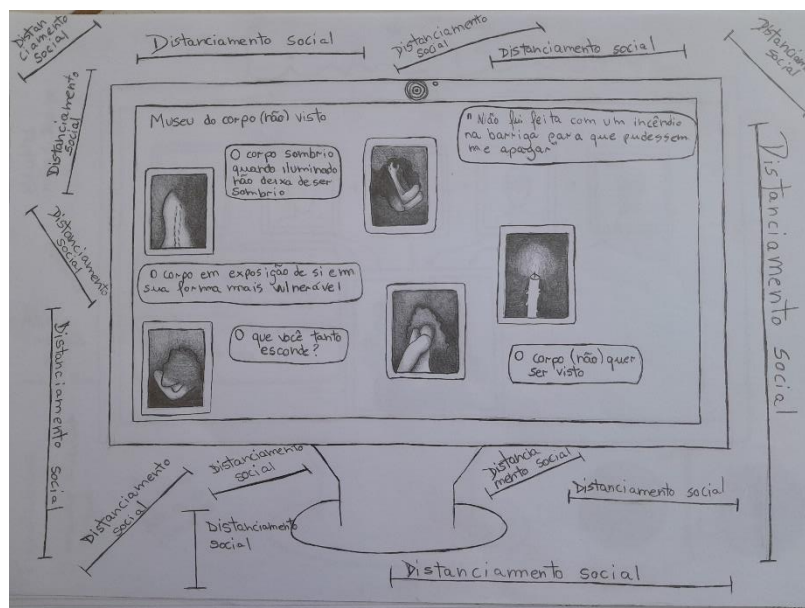
IMAGEM 6 – EXPERIMENTOS NA PANDEMIA



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

- Trabalho Museu do Corpo (não) Visto, da disciplina de Práticas em dança II: performances do corpo, com docente Alexandre Molina, onde continuei minhas experimentações com a câmera à luz de velas, buscando através das torções do meu corpo, formas borradas, distorcidas e até monstruosas, que representassem o que eu estava sentindo em um dos meus piores momentos – o primeiro trabalho no qual senti orgulho de mim no meio acadêmico.

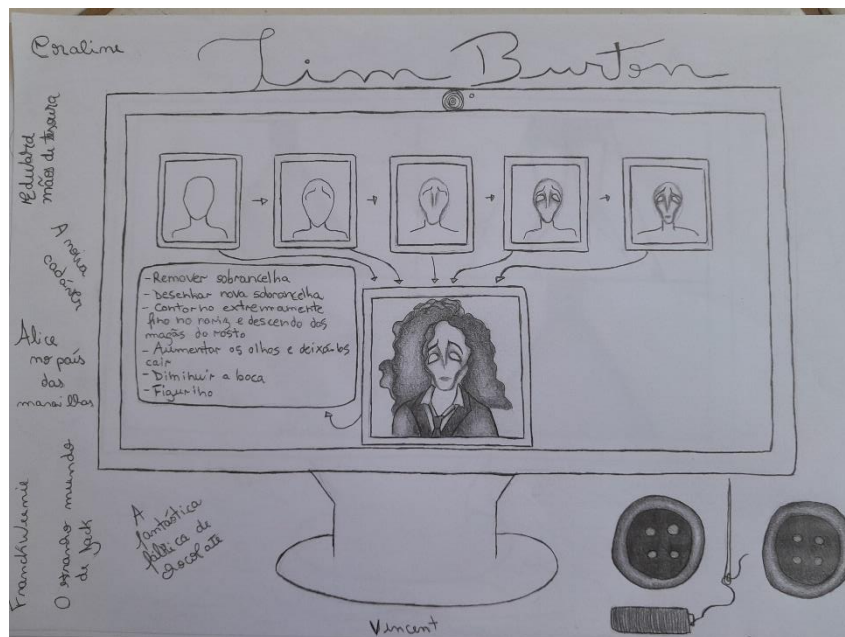
IMAGEM 7 – DESENHO: MUSEU DO CORPO (NÃO) VISTO



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA, 2023

- Trabalho de Visualidades da Cena I, com o docente Mario Piragibe (do Curso de Teatro da UFU), onde eu me caracterizei de personagem do universo do Tim Burton – uma das minhas maiores referências de estética, identidade e stop motion.

IMAGEM 8 – DESENHO: TRABALHO DE VISUALIDADES

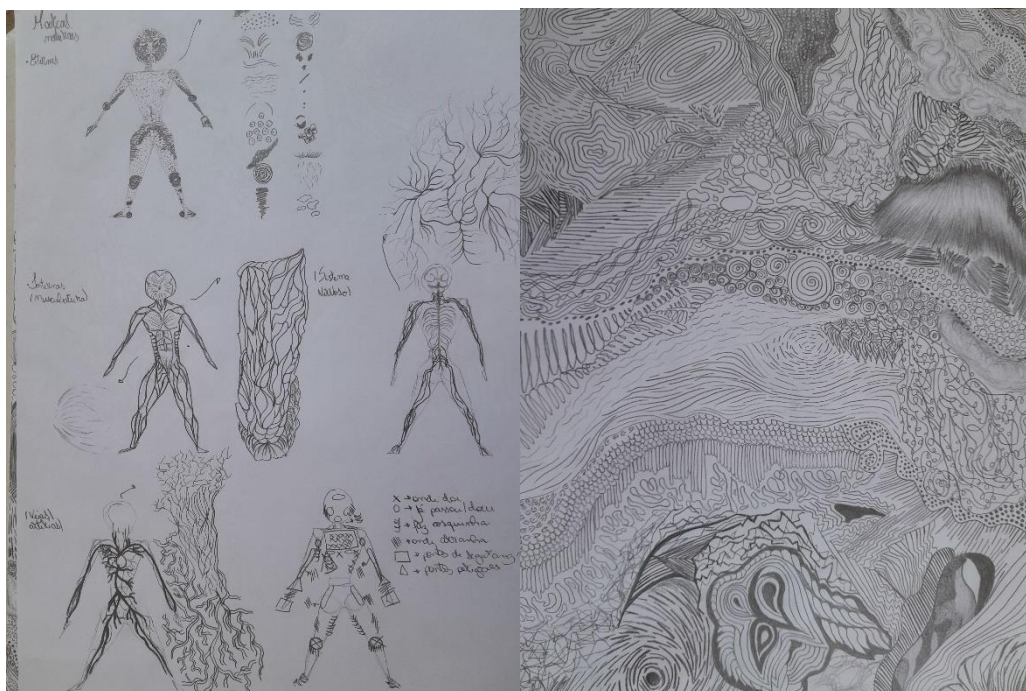


FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

- Trabalho de Dança Contemporânea III com a docente Hariane Eva, que consistia em fazer uma releitura de uma obra estudada nas aulas. Foi o primeiro trabalho que fiz em dupla nesse meio pandêmico, com a docente Bárbara Bueno, onde escolhemos a obra Homem torto⁷ do Eduardo Fukushima. Como estávamos em um período em que as tragédias estavam diminuindo, visitei a Bárbara na cidade de Jaboticabal-SP e fizemos todo o trabalho presencialmente (o que até então era novidade).
- Também deixei destacado os desenhos que fiz enquanto pesquisava para realizar a minha performance O Corpo não visto – nestas páginas eu procuro encontrar as formas existentes do corpo, externas e internas, e descobrir quais as formas que eu dou para alguma marca que não existe materialmente.

⁷ Disponível em: [Homem Torto \[Crooked Man \] Eduardo Fukushima - YouTube](#)

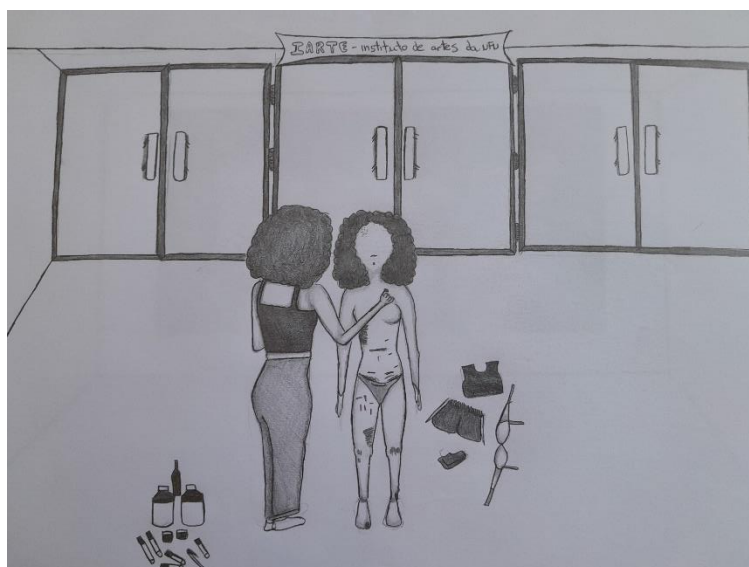
IMAGEM 9 E IMAGEM 10 – DESENHANDO FORMAS



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

- Performance O Corpo (não) visto que estreou no evento do curso chamado Sala Aberta – resultado da disciplina de Dramaturgia do Corpo II: Gramáticas Corporais com a docente Vivian Barbosa. Vale ressaltar que nesse momento as aulas na UFU já tinham retornado presencialmente, contando com uso de máscaras, álcool em gel e tentando manter o distanciamento.

IMAGEM 11 – DESENHO: PERFORMANCE O CORPO (NÃO) VISTO

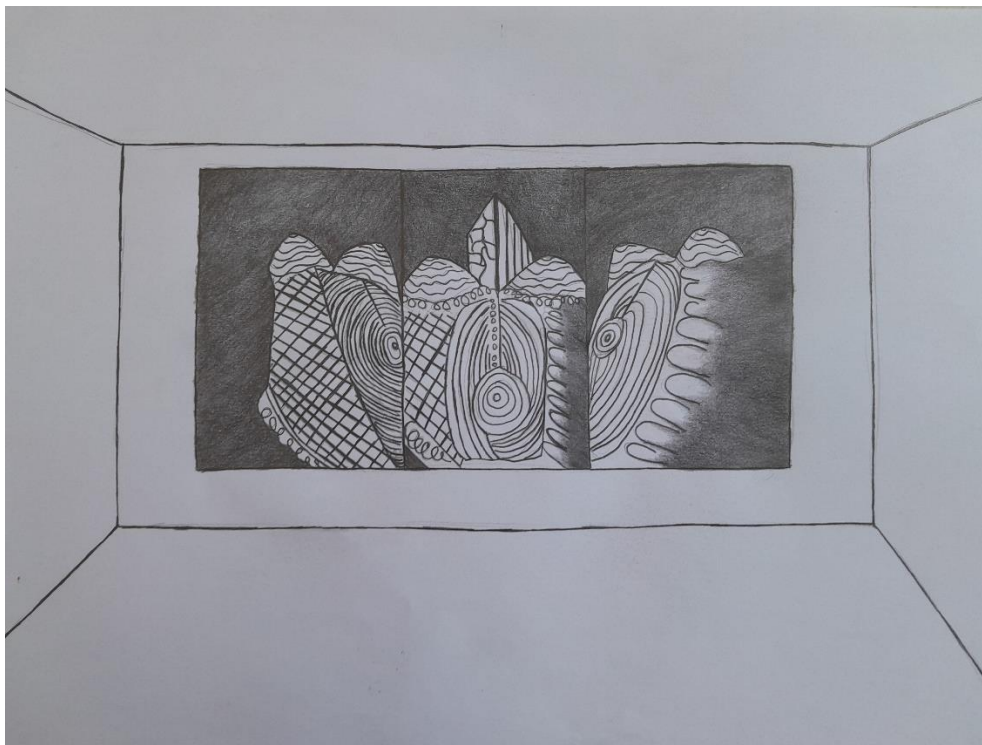


FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

- E por último dos meus destaques, o trabalho⁸ da disciplina de Dança e Novas Tecnologias, com o docente Ricardo Alvarenga, onde eu faço uma exposição online de fotoperformances. Nelas eu me encontro nua com o corpo pintado com as formas que encontrei.

⁸ Disponível em: [artsteps | Untitled \(Wed Jan 11 2023 10:34\)](#)

IMAGEM 12 – DESENHO: CORPOGRAFIA



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

Com esse inventário, descobri que joguei muita coisa fora, mas sempre coisas que eram feitas apenas para passar nas disciplinas (acontece), mas também percebi que fiz muita coisa e que me orgulho disso – foi um marco na minha trajetória acadêmica e pessoal, eu finalmente estava pesquisando/criando algo que eu gosto.

Compartilhamos com a turma toda nossos inventários, cada um do seu jeito e foi muito interessante poder ter esse momento de troca – ali um coletivo se criava. Os próximos momentos dos nossos encontros foram focados nas nossas referências. Em primeiro lugar, quais são as minhas referências na vida?

- Tim Burton⁹: é um cineasta, produtor, roteirista, escritor, animador e desenhista. Suas obras contém uma atmosfera sombria, paleta de cores frias, sempre tateando o estranho. Tem muitas obras famosas como Edward mãos de tesoura (1990), Planeta dos macacos (2001), A fantástica fábrica de chocolate (2005), O estranho mundo de Jack (1993), A noiva cadáver (2005), Dumbo (2019), Wandinha (2022), entre outros muitos.

⁹ Disponível em: [TIM BURTON](#)

Ele que deu início ao meu interesse em stop motion e na estética mais sombria. Sem contar que ele possui uma identidade muito marcada, não importa se você está assistindo um filme feito com bonecos ou com pessoas, você vai reconhecer os traços, mesmo que não saiba de onde.

- Yuji Kodato¹⁰: fotógrafo interessado tanto em fotografia digital como analógica. Sua pesquisa permeia as possíveis relações de foto e vídeo com outros campos artísticos como dança, performance, teatro, música e artes visuais. Tive contato com ele pela primeira vez em uma aula de Performances do Corpo II, em que ele e outros artistas foram convidados para falar de seus processos de criação.

O que me interessou logo de cara, foi o trabalho em que ele é coordenador, chamado Deriva Cartográfica. Ele consiste em uma ação que une artistas de todo Brasil com filmes de câmeras analógicas - uma pessoa tira suas fotos e quando acabar, esse filme é enviado para outra pessoa, que irá tirar suas próprias fotos por cima do filme já utilizado, resultando em uma série de fotos com superexposição.

Mais para frente, esbarrei com seu trabalho Territórios Corporais, pesquisa sobre o corpo humano usando macrofotografia, buscando os mais escondidos detalhes. Esse trabalho foi uma forte referência na minha busca por formas.

- Bruno Mars: cantor, compositor, produtor musical e dançarino. Desde muito nova gostava das músicas dele, da voz e de como ele sempre encaixava uma dança em suas músicas. Sua movimentação é muito específica e característica, se você observar ele e seus backing vocals, é fácil perceber a peculiaridade de cada um quando se movimentam.

Em seguida, quais são minhas referências na dança?

- Ramana Borba¹¹: dançarina brasileira, coreógrafa e influencer digital. Ela usa suas redes sociais para divulgar suas coreografias e faz cover de coreografias de outras pessoas. Eu a admiro pelo tanto que ela dança, ela está sempre postando vídeos de dança e fazendo aulas – é uma realidade que me interessa, mas que percebo estar distante (faz muito tempo que eu não aprendo uma coreografia e ensaio, querendo ou não isso faz falta).
- Caco Aniceto¹²: coreógrafo, professor e dançarino brasileiro. Ele faz suas aulas de dança presenciais, posta as coreografias completas e tutoriais delas. Ele sempre chama

¹⁰ Disponível em: [YUJI KODATO](#)

¹¹ Disponível em: [Ramana Borba \(@ramanaborba\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

¹² Disponível em: [Caco Aniceto - YouTube](#)

dançarinos/coreógrafos convidados para dar as aulas com ele. O que me interessa nele é a forma como ele se move, como encaixa a coreografia com a música de uma forma que aparente ser uma coisa só.

- Matt Steffanina¹³: dançarino, coreógrafo e professor norte-americano. Ele, assim como Caco, ensina em suas aulas presenciais, mas também posta o resultado e o passo-a-passo no youtube. Eu acompanho o canal dele desde muito cedo, lá na época que eu também assistia Daniel Saboya, como contei mais cedo nesse texto. Eu gostava da complexidade de movimentos, de acompanhar a evolução dos alunos e que ele gravava os tutoriais de frente com o espelho, fazendo a versão espelhada e dando dicas para outras coreografias sem essa versão.

Nós escrevemos as nossas referências em um grande papel craft, pudemos observar as influências das outras pessoas em sala, perceber coisas em comum e fazer uma ligação entre elas no papel e, pudemos roubar referências uns dos outros. Eu roubei a franquia de filmes Se ela dança, eu danço, que apareceu mais de uma vez entre nós, e o livro Roube como um artista de Austin Kleon – os filmes eu já conhecia, eles contam sobre um grupo de artistas tentando sobreviver da dança, contando com muitas trocas de cenário, figurinos, competições de dança e coreografias super elaboradas; e sobre o livro, roubei para conhecer esse autor que fala sobre a criatividade nos dias de hoje.

Agora teríamos que mostrar algo de uma referência escolhida e explicar o porquê de ela ser relevante para sua trajetória. Eu escolhi falar sobre Tim Burton porque acredito ser a referência de maior influência sobre mim. Levei um vídeo¹⁴ que mostra o por trás das cenas de uma de suas obras em stop motion.

Saindo um pouco das referências, começamos a pensar perguntas que faríamos se fossemos entrevistar artistas em processos de criação, e acabamos formando duplas e entrevistando uns aos outros. Minhas perguntas foram: Quem são seus parentes artísticos? Durante sua trajetória artística, foi possível criar alguma estratégia? Qual a questão do seu trabalho? Você consegue perceber o que mudou, o que transformou e o que permaneceu, do início do processo até o momento atual?

Creio que esse momento foi muito importante para falarmos sobre nossos processos, afinal, a fala pode ser uma ferramenta poderosa e é necessário saber falar sobre sua arte, sobre o que está

¹³ Disponível em: [Matt Steffanina - YouTube](#)

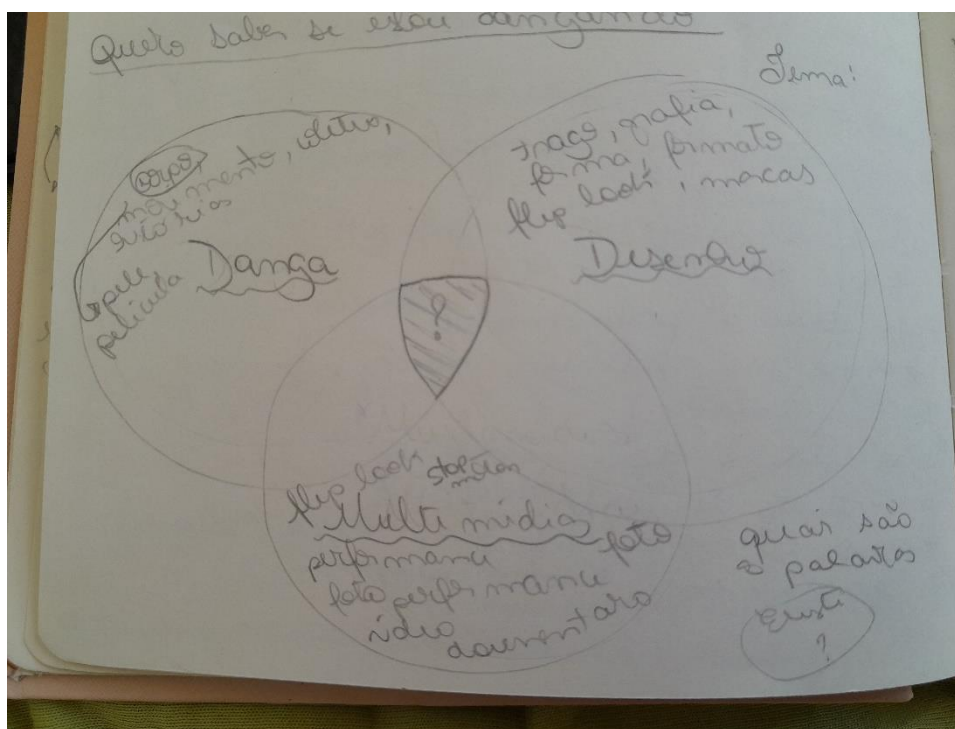
¹⁴ Disponível em: [Frankenweenie \(2012\) : Time Lapse, Storyboards & Animators Behind The Scenes - YouTube](#)

fazendo – ao falar você pode acabar percebendo coisas que até então passaram despercebidas. Além de que, esse foi mais um daqueles momentos importantes no fortalecimento do coletivo, considerando que as vezes falar de processos, quando se está muito imerso no mesmo, pode ser difícil tatear esse lugar mais sensível.

Também foi proposto que fizéssemos um diagrama de referências, no formato que mais nos contemplasse – eu escolhi como base o diagrama de Venn porque já estava com ele na cabeça depois de ter usado para tentar explicar as aulas de Metodologia de pesquisa, qual era meu tema. Esse novo diagrama é na verdade uma versão mais surtada do anterior, ignorando alguns princípios estruturais do diagrama de Venn.

No diagrama de Metodologia, eu usei 3 grandes círculos, cada um representando as minhas áreas de interesse: dança, desenho e multimídias. Liguei esses campos entre si, coloquei algumas palavras que recortavam meu interesse nesses campos tão abertos e deixei o meio com um ponto de interrogação, como marco da intersecção entre tudo que estava se passando na minha cabeça - minha tarefa era descobrir o que há nessa intersecção, quais outras pessoas pesquisam coisas parecidas e o que/como elas criam.

IMAGEM 13 – DIAGRAMA INICIAL



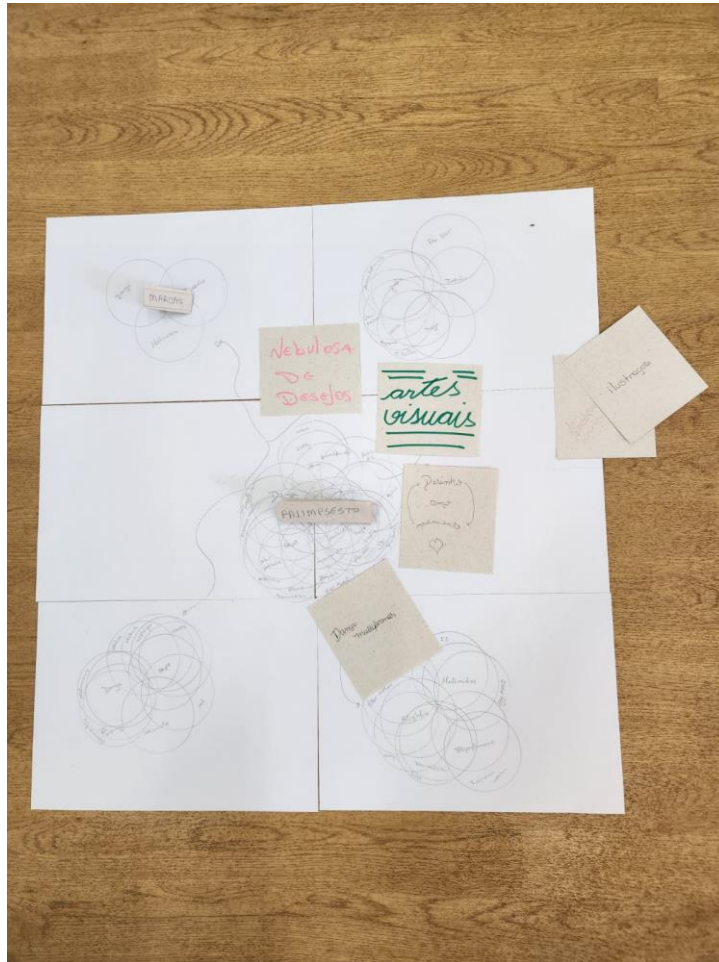
FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

Já no diagrama de Estágio e Práticas, eu comecei da mesma forma que o anterior, mas destrinchando cada palavra com as suas respectivas referências, o que resultou em um emaranhado de círculos e intersecções. Creio que ele me representou totalmente, porque dentro da minha cabeça é assim que as coisas funcionam, e eu estava em um período do processo de criação onde eu pesquisava e agregava muita coisa sem fazer recortes, para poder entender para qual rumo eu estava me direcionando.

Apresentamos nossos diagramas e fizemos uma atividade adaptada chamada Reflexão com conceito – uma das etapas do método de feedback DAS Theatre Feedback Method¹⁵ – que consiste em cada participante pegar uma folha e escrever a primeira palavra que pensa a partir do que foi assistido, para que o artista possa pegá-los depois e colocá-los no diagrama, pensando nos graus de proximidade e distanciamento da pesquisa. Essas são as palavras que recebi: Artes visuais, ilustração, nebulosa de ideias, marcas, dança multiformas e palimpsesto.

¹⁵ Desenvolvido pelos estudantes, funcionários e conselheiros da Amsterdam University of the Arts, juntamente com o filósofo Karin Benammar, a fim de colaborar mais efetivamente nas criações artísticas, envolvendo mais provocações, pensamentos, perguntas, palavras (coisas mais concretas), ao invés de elogios, juízos de valor – principalmente considerando que um processo de criação tem seus momentos de sensibilidade, então é preciso muito cuidado ao dar feedback e mostrar para o artista tão imerso em seu trabalho, coisas que ele não consegue ver.

IMAGEM 14 – DIAGRAMA COMPLEXO



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

A partir de agora os encontros tiveram o foco de criar um projeto artístico visual para podermos apresentar para os colegas e para artistas convidados. Começamos fazendo escritas automáticas sobre o tema (o que?), os procedimentos (como?), referências (a partir de...) e criar um cronograma de trabalho. Confesso que minhas escritas automáticas vão para um lugar de palavras e frases fora de contexto, mas que para mim fazem sentido, mas é muito difícil sair um texto corrido.

Depois dessas escritas, tive que juntar as peças do quebra-cabeça e escrever de forma linear-me contemplou? Não, por isso meu projeto é mais visual. Fiz duas versões, o primeiro foi apresentado apenas para a turma, no formato de padlet¹⁶ com fotos e links dos meus testes e de

¹⁶ Disponível em: [Projeto de criação - Corpografia \(padlet.com\)](https://padlet.com)

criações das minhas referências; e o outro em formato de apresentação de slides feito pelo Canva¹⁷, pensando em facilitar o compartilhamento para os convidados.

Foram chamados o técnico do IARTE Alexis S.F, a docente Vivian Barbosa, a discente do curso Lu Luciana, o mestrando Alexandre Roiz e o multiartista Marcelo Camargo. Foi um momento muito edificante, pudemos ter visões de outros artistas os quais não estão com a gente todos os dias, podendo repensar coisas, como foram articuladas, receber provocações e referências.

No projeto do Canva apresentado por mim há algumas referências/inspirações que com o tempo foram se perdendo, por uma questão de afunilamento natural do processo, mas isso não significa que elas foram esquecidas e ignoradas, apenas ficaram guardadas. Essas referências são: Ezekiel Moura¹⁸, La Ribot¹⁹ e Glayson Arcanjo²⁰.

¹⁷ Disponível em: [Persistência óptica: onde está a dança? - Apresentação \(canva.com\)](#)

¹⁸ Artista plástico, ilustrador autoral e muralista. Atua ativamente no Instagram postando suas artes e divulgando seu site para a compra delas. O que me interessou no Ezekiel foi o traço tão característico dele e como ele consegue ter essa identidade fazendo trabalhos tão diferentes.

Disponível em: [Ezekiel Moura \(@ezekiel.moura\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

Disponível em: [Loja online de Ezekiel Moura](#)

¹⁹ Artista, coreógrafa e dançarina. Seus trabalhos, que tiveram início no final de 1980, mudaram drasticamente o cenário da dança contemporânea, desafiando as estruturas do palco e dos museus, permeando outros campos artísticos como teatro, performance, artes visuais, instalações, filme, vídeos etc.

O que me interessei de fato nessa artista foi um de seus livros, que encontrei por acaso, e nele há desenhos feitos por ela na tentativa de esquematizar suas performances/trabalhos e por isso me identifiquei.

²⁰ Artista e professor. Suas pesquisas envolvem intervenções, arquitetura, desenho, diferentes solos, exposições etc. O que me interessou nele foi uma exposição específica que eu visitei, chamada Desenho/Ruína. Nela havia desenhos feitos na própria parede, um mural enorme de desenho, desenhos feitos com papel carbono, seu livro de artista, fotografias de intervenções arquitetônicas e desenhos feitos em pedaços de pedra. Foi a primeira vez que vi uma exposição assim e imediatamente eu quis muito desenhar um mural daquele tamanho, ele abriu meus olhos para novas possibilidades (nunca tinha pensado em expor meus desenhos ou algo do tipo, e foi nesse momento que eu comecei a tentar enquadrar a dança/movimento).

Disponível em: [Glayson Arcanjo \(@glayson_arcanjo\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

Disponível em: [Trabalhos | Glayson Arcanjo](#)

2. ESTÁGIO SUPERVISIONADO II E PRÁTICAS CORPORAIS II – TESTAGENS PRÁTICAS

2.1 MATERIAIS INTERATIVOS: FLIPBOOKS

Começarei fazendo uma pequena contextualização sobre flipbooks, que foi por onde iniciei de fato minhas pesquisas no Estágio I – a principal fonte de informações nesse momento foi o site chamado FLIPBOOK.info²¹. O flipbook consiste em um pequeno caderno com desenhos sequenciados em suas folhas de modo que, ao segurar com uma mão e usar o polegar da outra para manipulá-lo, esses desenhos se encontrarão em movimento diante de nossos olhos. Esse fenômeno de movimento também é chamado de percepção óptica/da visão - é a ilusão de movimento intensificada pela retina - que consegue manter uma imagem apenas por um breve instante – ao captar várias imagens em frações de segundos, ela suaviza o que separa um desenho de outro, criando essa continuidade mais fluída.

Foi criado aproximadamente no final do século XIX e sua fama perdurou através do século XX. O intuito inicial era diversão, focado principalmente no público infantil, mas isso não impediu os outros públicos de se apaixonarem pelos flips também. Esses materiais podem vir de muitas formas, tamanhos, com diferentes quantidades de folhas, formas de manter as folhas presas, e sem contar as inúmeras possibilidades de animações que podem ser criadas. Foi assim que eu me interessei por flips, pelas possibilidades, principalmente em relação com público/pessoas com quem compartilho minhas criações - apesar de haver uma forma de funcionamento para esse material, cada pessoa faz do seu jeito, alguns gostam de ver folha por folha, de trás para frente, alternando velocidades etc.

Na mesma época, que chamamos isso de pré-cinema, começaram a surgir outros tipos de dispositivos ópticos, cada vez mais elaborados, mas que mantinham a essência do lúdico que a sequência de imagens causa, por exemplo: John Paris (1785-1856)²² e o Thaumatrope(1825)²³,

²¹ Disponível em: [Inicio Flipbook.info](http://InicioFlipbook.info)

²² Foi um dos primeiros a reconhecer que a exposição ao fumo de arsênico poderia ser a causa de câncer escrotal nos homens que trabalhavam com fundição de cobre na Cornualha e no País de Gales. Escreveu sobre o uso de explosivos em minas e seus respectivos estragos, e era a favor do uso de preparações a base de plantas como tratamento médico, desde que provado cientificamente.

Foi membro e deu palestras sobre química na Royal Geological Society of Cornwall, e também foi eleito como presidente do Royal College of Physicians.

²³ Consiste em um disco com ambos os versos desenhados, preso por uma corda de cada lado e quando essas cordas são torcidas, tem-se a ilusão de movimento – um exemplo famoso é aquele com um lado com o desenho de um pássaro e com o outro o desenho de uma gaiola.

Disponível em: [thaumatrope.gif \(202x146\) \(othercinema.com\)](http://thaumatrope.gif(202x146)(othercinema.com))

Joseph Plateau (1801-1883)²⁴ e o Phenakistoscope²⁵ (1832), Charles-Émile Reynaud²⁶ e o Praxinoscope (1877)²⁷, Thomas Edison (1847-1931)²⁸ e o cinetoscópio²⁹ (1891), Hermann Casler³⁰ e o Mutoscópio (1890)³¹, entre outros.

Com o avanço da fotografia e do cinema, os flipbooks/dispositivos ópticos se encontravam em diferentes situações, como fragmentos de uma cena de filme (com a autorização dos autores) ou para promovê-los, ou como forma de celebração de um atleta, de um esporte ou evento:

A Cinémathèque de Montréal produziu uma série de treze flip books, que são desenhos animados, por ocasião da Retrospectiva Mundial de Animação de 1967 por grandes nomes do mundo do cinema como Peter Foldes e Robert Breer. Por ocasião do seu cinquentenário, em 1988, a Cinemateca Real da Bélgica apresentou um flip book do pintor Alechinsky. (PASCAL FOUCHÉ. Acesso em: 10 nov. 2023).

Mais recentemente, em 1977, os principais jogadores da NBA, o Campeonato Americano de Basquete, deram origem a uma série (Dell Thumbshots Basketball); Cada flip book contém adicionalmente informações biográficas e estatísticas sobre o jogador no verso de cada página. Uma série semelhante deveria ser produzida ao mesmo tempo pela MLB (Major League Baseball Players), mas não foi além do estágio de protótipo com um flip book dedicado a Rod Carew. Em

²⁴ Se interessou pela Física ainda criança e quando adulto seu maior fascínio se tornou a persistência de impressões luminosas na retina.

Se tornou doutor de ciências físicas e matemáticas pela Universidade Estadual de Liège. Logo, tornou-se professor de matemática em Burxelas e professor de física e física aplicada na Universidade Estadual de Ghent.

²⁵ Consiste em um disco composto por desenhos de fases de um movimento, esse disco permanece girando enquanto o espectador observa seu reflexo por um espelho.

Disponível em: [65cd805e1fd65cc93d418af4891ffb46.gif \(800x800\) \(pinimg.com\)](https://www.pinimg.com/65cd805e1fd65cc93d418af4891ffb46.gif)

²⁶ Desde cedo teve contato com pintura e foi capaz de produzir pequenas máquinas a vapor por influência de seus pais. Logo tornou-se assistente de fotógrafo antes de começar a fotografar por si mesmo e estudar os efeitos ópticos.

²⁷ Um dispositivo de formato cilíndrico, que possui uma fileira de imagens estáticas percorrendo o contorno do cilindro, e ao centro possui um círculo de espelhos. A movimentação se inicia ao girar o cilindro e é recomendado que se observe pelos espelhos.

Disponível em: [Film Before Film - Phenakistoscope, Zootrope, Praxinoscope \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=Film_Before_Film_-_Phenakistoscope_Zootrope_Praxinoscope)

²⁸ Empresário nos Estados Unidos que patenteou e financiou o desenvolvimento de dispositivos de grande interesse industrial. Suas principais invenções são o fonógrafo, cinetoscópio e a lâmpada elétrica incandescente, mas também aperfeiçoou o telefone, a máquina de escrever, trabalhou com alimentos empacotados a vácuo, máquinas de raio X, entre outros,

²⁹ Dispositivo de reprodução de um curto filme de sequência de fotos – eram caixas pretas e permitiam a visualização individual desses filmes.

Disponível em: [18419f3f7763911538d65cb43058d2f4.jpg \(553x794\) \(pinimg.com\)](https://www.pinimg.com/18419f3f7763911538d65cb43058d2f4.jpg)

³⁰ Criado em Fort Plain, Nova York, onde foi aprendiz de seu primo, maquinista e inventor Charles E. Lipe, fundador da C. E. Lipe Machine Shop de 1889 a 1893. Entre 1893 e 1895. Trabalhou como desenhista para a General Electric Co., em Schenectady.

Em parceria com Harry Marvin, criaram a Marvin & Casler Co., em 1896, para fabricar o Mutoscópio e outras invenções como máquinas de fliperama.

³¹ Consiste em um dispositivo que em seu interior, possui um círculo na vertical repleto de imagens ao seu redor. Seu uso é parecido com o de um telescópio - você direciona seu olhar para a abertura e gira a manivela, podendo controlar um pouco da velocidade. Ainda se tratava de momentos curtos e com poucas possibilidades de manipulações diferentes.

Disponível em: [0f54cb9fe6dbce504cdf414042245e68.jpg \(459x1100\) \(pinimg.com\)](https://www.pinimg.com/0f54cb9fe6dbce504cdf414042245e68.jpg)

1989, uma série chamada Flipp Tipps mostrou jogadores de beisebol: Mickey Mantle, Brett Butler, Don Mattingly, etc. e o famoso jogador de futebol Pelé. (PASCAL FOUCHÉ. Acesso em: 10 nov. 2023).

Além disso, os flips eram usados para fins de erotismo com modelos fazendo strip-tease, para noticiar acontecimentos da história como um discurso de Hitler em "Der Führer spricht" (1930), sem contar que muitos desenhos animados e quadrinhos serviam de tema para os flipbooks, como Betty Boop, Popeye, as viagens de Gulliver etc. Logo, os artistas começaram a criar seus próprios flips para mostrar seus interesses artísticos, como Judith P. Fischer³², Paul Cox e Alain Fleischer³³.

Em 2002, a edição 39 da revista Visionaire, cada edição da qual é diferente e ainda um item de colecionador, é uma caixa de madeira contendo 16 flipbooks fotográficos. Cada um deles foi confiado a um artista diferente, incluindo Spike Jonze³⁴, Pedro Almodóvar³⁵ e Mario Testino³⁶

E m 2003, uma caixa de 18 flip books, Italia, foi produzida sob o nome de Flip-O-Rama por de. MO-Design. São fotografias de Elliott Erwitt retratando italianos. (PASCAL FOUCHÉ. Acesso em: 10 nov. 2023).

³² Estudou canto e escultura ao mesmo tempo, na Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena e na Universidade de Artes Aplicadas de Viena respectivamente. A característica marcante de seus trabalhos é a combinação de elementos gráficos, fotográficos, esculturas, trazendo novas formas de pensar o espaço.

Geralmente suas exposições têm caráter tátil, com justaposições inesperadas e com grande foco no desenho – apesar de realizar exposições, ela também faz curadoria de outras.

Cineasta, fotógrafo, artista visual e escritor francês.

Estudou literatura moderna, linguística, semiologia e antropologia na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Além disso Alain é diretor do Le Fresnoy - Studio national des arts contemporains e deu muitas palestras sobre a história/teoria da arte, cinema e arquitetura.

³⁴ Adam Spiegel, seu verdadeiro nome, é um cineasta, ator e fotógrafo norte-americano que trabalha com filmes, comerciais, videoclipes, vídeos de skate e televisão. Iniciou seus trabalhos ainda adolescente, ao fotografar e filmar skatistas e logo seu estilo de filmagem começou a ser requisitado para videoclipes.

Em sua carreira de diretor de longa-metragem destaca-se com Being John Malkovich (1999) escrito por Charlie Kaufman e que acabou rendendo uma indicação ao Oscar de Melhor Diretor.

Mais tarde começou a dirigir filmes de seus próprios roteiros, sendo a produção Her (2013) que o fez ganhar o Oscar, o Globo de Ouro e o Writers Guild of America Award de Melhor Roteiro Original - também foi indicado ao Oscar de Melhor Filme e Melhor Canção Original..

³⁵ É um cineasta, ator e argumentista espanhol. Seus filmes possuem traços de melodrama, humor, cores ousadas, citações da cultura popular, desejo, paixão, família e identidade.

Em 1986, fundou sua própria produtora com ajuda de seu irmão, que ficaria responsável por produzir seus filmes daquele momento em diante, como Mulheres à beira de um ataque de nervos (1988), que lhes garantiram a indicação ao Oscar de Melhor filme estrangeiro.

³⁶ Tornou-se um dos fotógrafos de moda mais conhecidos e celebrados do mundo. Ele documentava assuntos de estrelas, supermodelos e artistas, além de assuntos de suas próprias viagens. Ele já teve seu trabalho em destaque nas revistas Vogue, V Magazine, Vanity Fair, GQ, LOVE, Allure e VMan.

Ao todo, conta com dezoito exposições e mais de dezesseis livros publicados sobre sua obra.

Outros artistas como Pierre Bismuth, Jean-Charles Blais, Christophe Boutin, Kyle Bravo, François Curlet, Keith Haring, Vincent Julliard, William Kentridge, Jonathan Monk, Bruce Naumann, Tony Oursler e Emmett Williams fizeram contribuições significativas para este gênero pouco conhecido em uma ampla variedade de produções. (PASCAL FOUCHÉ. Acesso em: 10 nov. 2023).

Só consigo expressar minha felicidade em ter encontrado esse site, porque antes eu estava procurando pelas coisas separadamente enquanto ele possui muita informação em um mesmo site – o que eu mais gostei, tanto de ter encontrado essa página como dessa fase inicial de pesquisa, foi poder descobrir pessoas que fizeram isso a muito tempo, quais eram seus interesses, como faziam, então pude resgatar muita referência, que é um dos pontos-chaves da minha pesquisa: quem são meus parentes artísticos e como eles dão materialidades às suas pesquisas.

Enquanto essa parte do processo acontecia, tive uma conversa com o técnico do IARTE Alexis S.F e entendemos que juntos faríamos uma boa colaboração. Ele esteve presente na estreia da minha performance O Corpo (não) visto e ficou curioso em saber como seria um documentário feito a partir desse material, focando nas similaridades e diferenças entre as cicatrizes de pessoas do campo da dança, enquanto eu fiquei interessada em como me adaptar a esse novo formato- qual a preparação corporal necessária? Como guiar a conversa nesse novo formato de 2 pessoas? Como lidar com câmeras nesse ambiente? Como fazer com que esse lugar seja tão seguro quanto o outro? Como não deixar a pessoa inibida? Como trazer as marcas?

Sendo assim, após muita conversa, organização e troca de referências, ficou acordado que nos encontraríamos 1 vez por semana, às terças-feiras a tarde, e faríamos orientações de acordo com a seguinte ordem:

Atividades já realizadas:

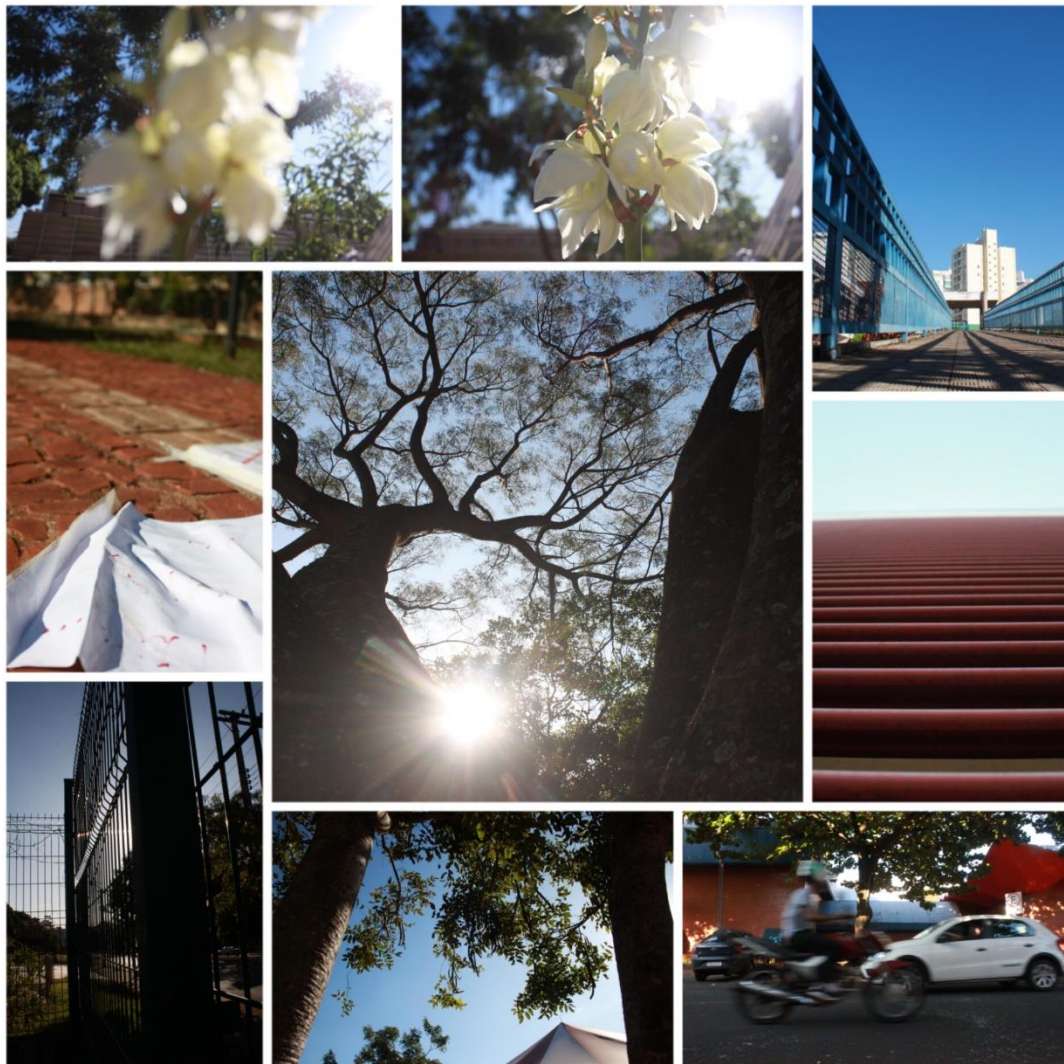
- Familiarização com câmera e fotografia – pelo meu interesse em melhorar minhas habilidades como fotógrafa;

IMAGEM 15 – PRIMEIRO EXPERIMENTO GUIADO COM A CÂMERA



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

IMAGEM 16 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO ATRAVÉS DO CAMPUS



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

IMAGEM 17 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO MODIFICANDO O ISO



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

IMAGEM 18 – EXPERIEMENTO FOTOGRÁFICO MUDANDO O FOCO



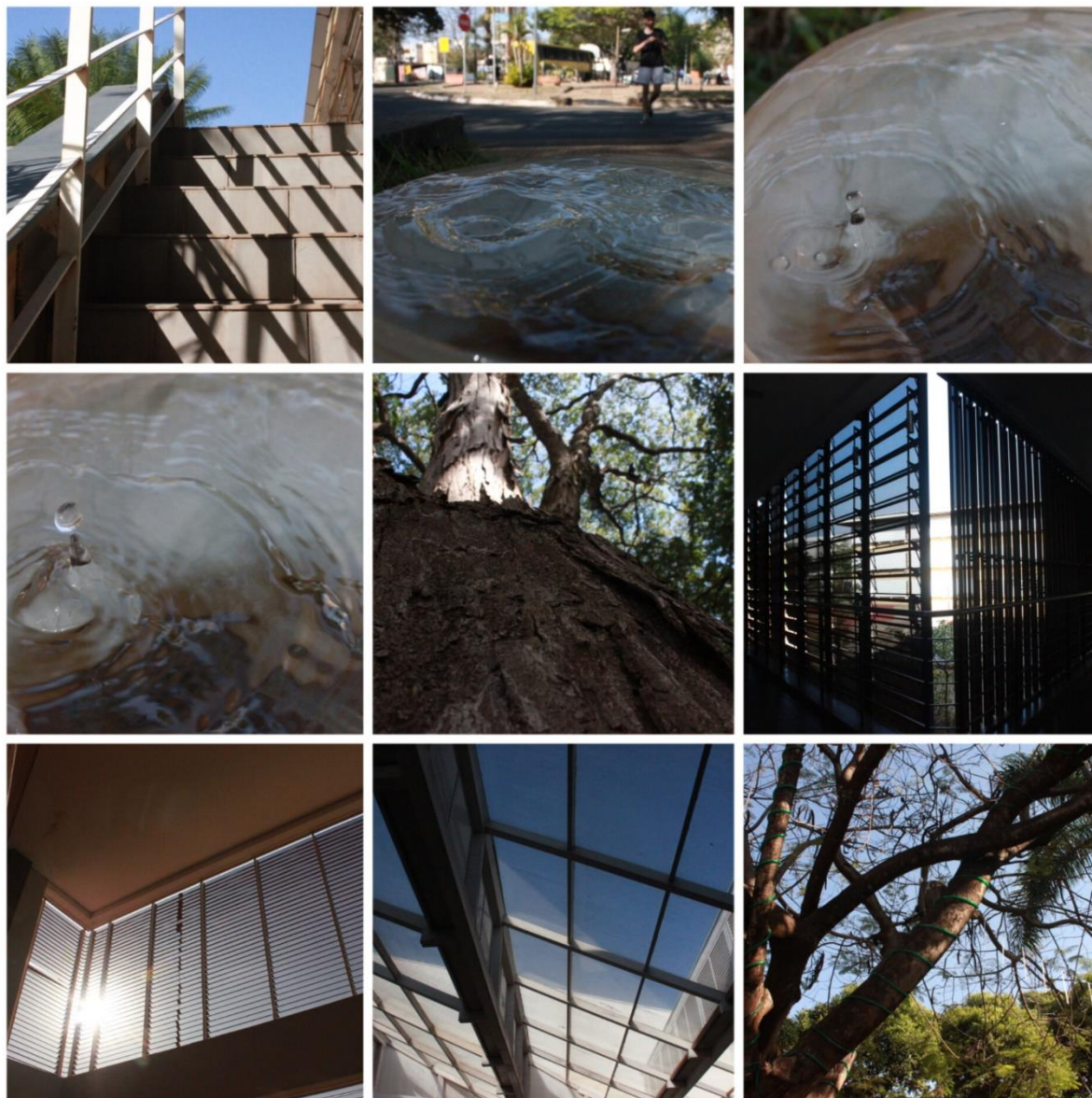
FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

IMAGEM 19 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO EM BUSCA DE SIMETRIA



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

IMAGEM 20 – EXPERIMENTO FOTOGRÁFICO E EDIÇÃO



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

- Disposição de diferentes ferramentas de edição para pegar afinidade – para tratamento de fotos;
- Compartilhamento de referências de stop motion, animação e flipbook – devido o interesse de ambos;
- Disposição de diferentes materiais, como papeis, tintas, canetas e suas respectivas particularidades;
- Conversas sobre o que é/qual a importância/formas de fazer um caderno de artista;
- Trocas sobre iluminação e gambiarras;

Atividades ainda não realizadas:

- Testes de filmagens com a câmera;
- Aprofundamento em entrevistas, pensando em quais seriam os possíveis entrevistados;
- Testagens de entrevistas e cenários já com convidados;
- Processo de escolhas e edição do material;
- Festinha de encerramento

Como essa iniciativa de projeto partiu de nós mesmos e não de algo vinculado com a Universidade, pudemos fazer as coisas em um tempo dilatado, realmente nos aprofundando nos assuntos e sempre reorganizando nossa agenda quando precisasse – principalmente porque os horários de trabalho de ambos são bem complicados.

Alguns tópicos dessa agenda se misturaram devido o ritmo que ditávamos nos encontros e conforme as demandas do Estágio também. Como eu estou lidando com flipbooks e outros materiais táteis, o Alexis também se interessa muito sobre esse assunto, então houve momentos que fazíamos mais de uma coisa ao mesmo tempo, mas também momentos mais focados nos desenhos e nos flips - porque ele tem experiência com animação e com materiais feitos a mão.

Ele me trouxe alguns flips e materiais de diferentes trabalhos que já conheceu, enquanto eu levava para ele os meus testes para ele analisar e me dar um retorno – confesso que essa fase de descobrir as coisas foi a mais gostosa de todas, eu sentia que tinha muito tempo para fazer o trabalho de Estágio, que ia ser lindo e que eu estava me divertindo demais. Acho que eu estava apaixonada na minha criação tomando forma.

O Alexis também me trouxe um livro chamado Manual de Animação (2016) de Richard Williams (1933-2019), diretor de animação de Uma cilada para Roger Rabbit (1998). Nesse livro o autor conta um pouco de sua jornada como animador, como foi importante a presença de outros animadores com mais experiência para guiá-lo nesse caminho e sem seguida, conta passo a passo, com demonstrações, os princípios de como fazer animações e dá as dicas as quais ele demorou muitos anos para entender.

O livro é gigante, mas como no momento minha intenção não é fazer uma super animação da Disney, escolhi os princípios que mais me pareceram ajudar com o que eu tinha em mente (que não era muita coisa), e caso eu precise de mais coisas, ainda tenho esse livro para recorrer. Estes princípios são:

- Espaço, tempo e ritmo da ação:

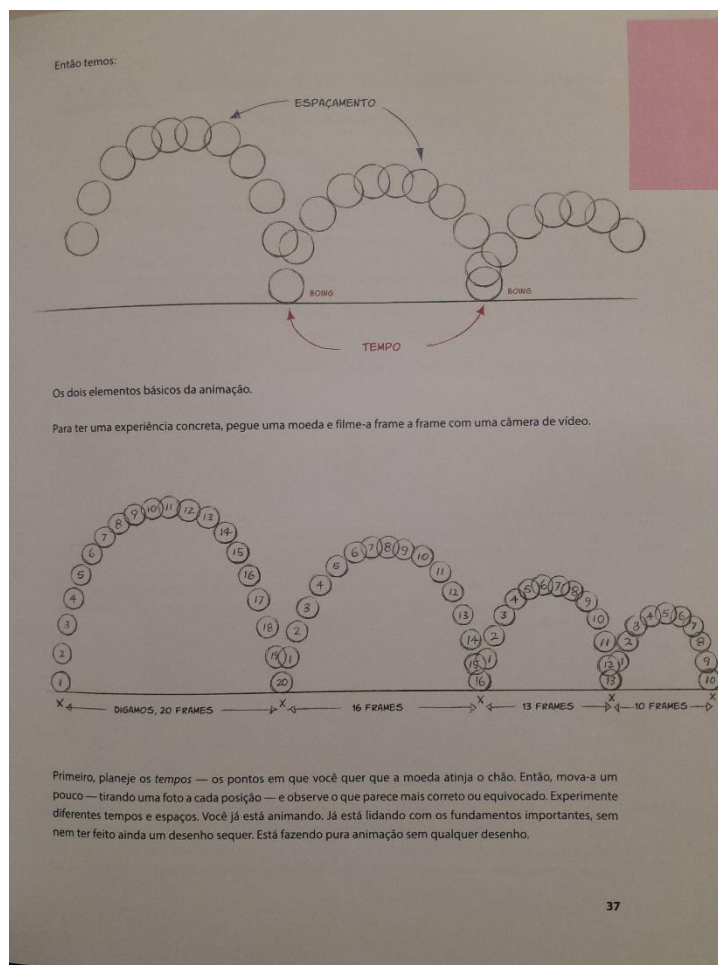
Usarei o mesmo exemplo do livro, uma bola quicando no chão até o momento de sua parada. Nós temos o espaço entre os lugares onde a bola toca o chão e o posicionamento desses espaços/toques que marcam o ritmo do acontecimento.

Então vamos pensar juntos que, a bola quando quica no chão as primeiras vezes, ela toca o chão e há um espaço maior entre o próximo toque, e conforme ela avança, esse espaço vai diminuindo - relação espaço e ritmo.

Agora, depois de marcado esse trajeto, temos que preenchê-lo de desenho de acordo com a velocidade da ação. Sendo assim, quanto mais perto ou sobrepostas as bolinhas estiverem no desenho, mais lenta é a ação, e quanto mais espaçadas, mais rápida é a ação. Ou seja, ao descer e encostar no chão, a velocidade da bola é maior (aumenta) e ao subir novamente a velocidade é menor (diminui).

Isso é uma forma muito prática de planejar sua animação. Nesse esqueleto que montamos, podemos estabelecer em números quantos frames queremos e quanto tempo dura. Uma coisa importante que vem quase como uma consequência desses passos, é o peso, mas nesse caso já diz respeito à forma. Uma coisa mais leve se move mais rápido e sem muita alteração em sua forma, diferente de algo mais pesado, como é o caso da bolinha que quica no chão - quando está a caminho do chão sua forma se torna um pouco mais oval, ao tocar o chão ela se achata um pouco, e ao retornar para cima ela vai perdendo essa forma oval.

IMAGEM 21 - ESPAÇO, TEMPO E RITMO DA AÇÃO



FONTE: WILLIAMS, R. Manual de Animação: Manual de métodos, princípios e fórmulas para animadores clássicos, de computador, de jogos, de stop motion e de internet. Tradução: Leandro De Mello Guimarães Pinto. São Paulo: Senac São Paulo, 2016

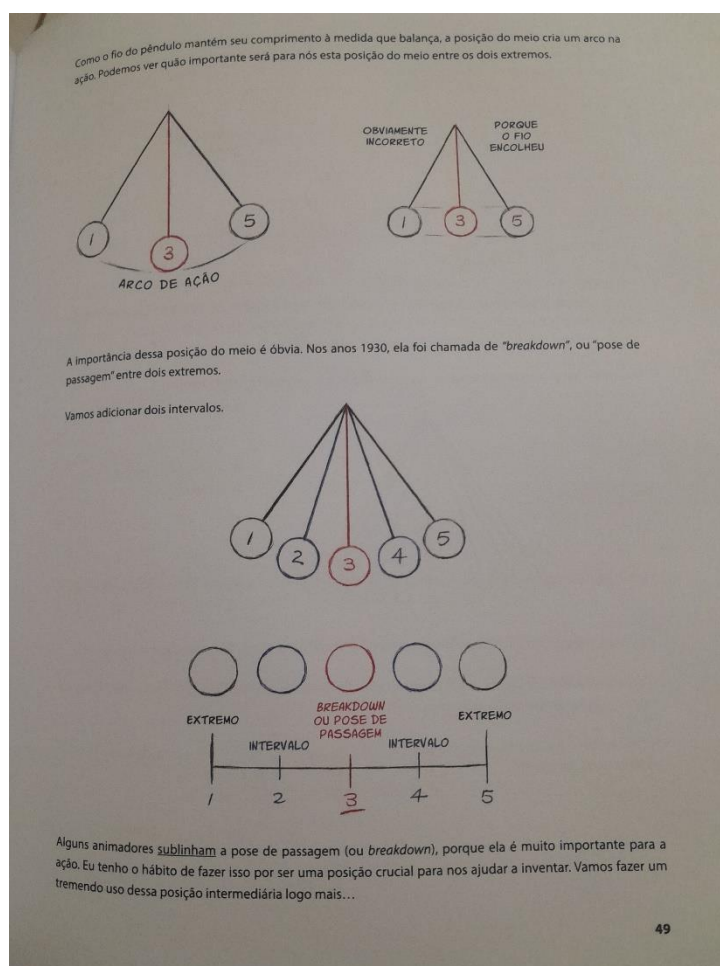
- Intervalos, extremos e poses de passagem:

Os extremos são as poses chave de uma animação, vamos supor que eu quero desenhar uma pessoa agachando para pegar algo no chão e depois se levantando novamente. Minhas poses chave são: pessoa em pé, pessoa no chão e pessoa em pé - podemos dizer que é a forma que eu quero chegar. Então, os intervalos são tudo que há entre os extremos. Então é todo o processo da pessoa agachar e se levantar - é o processo para chegar na pose final (o extremo).

Já as poses de passagem, também chamadas de breakdown, são poses entre um intervalo e outro. Elas podem servir para marcar o momento exato entre aceleração e desaceleração da animação, pode se encontrar no meio exato entre 2 extremos, ou entre os intervalos - tudo isso para facilitar a visualização e organização nos momentos de animar.

Devo ressaltar que apesar desses princípios serem feitos para ajudar, se não forem bem executados, podem arruinar sua animação - principalmente em relação ao tempo no momento de organizar suas poses ou intervalos, e sobre manter as formas parecidas para não causar tremores nos desenhos em movimento (apesar de que no meu caso os tremores são bem-vindos).

IMAGEM 22 – INTERVALOS, EXTREMOS E POSES DE PASSAGEM



FONTE: WILLIAMS, R. **Manual de Animação: Manual de métodos, princípios e fórmulas para animadores clássicos, de computador, de jogos, de stop motion e de internet.** Tradução: **Leandro De Mello Guimarães Pinto.** São Paulo: Senac São Paulo, 2016

- Animação direta, animação pose a pose e animação direta e com pose:

O livro relata esses três tipos de animações. A primeira, é aquela onde começamos a desenhar para ver o que dá, ao contrário da segunda, que planejamos todo um esqueleto com os princípios mencionados acima, antes de começar os desenhos. A terceira é um misto das duas primeiras e que na minha visão e no meu processo, está sendo a forma mais vantajosa.

Eu comecei meus testes com uma folha, uma caneta e um sonho. Nesse primeiro momento decidi apenas desenhar, porque fazia muito tempo que eu não dedicava um pedacinho do meu dia para isso. Desenhei muito, gastei meus neurônios, tudo isso para entender qual o caminho do meu traço.

Assim, fui me descobrindo com traços geométricos, hipnóticos, repetições e ondulações. Me senti preparada para testar meu primeiro flipbook e é claro que deu errado – tentei e tentei fazer uma bolinha quicando no chão, como o livro explicava (mas no estilo animação direta rezando para dar certo) e ficou totalmente desconexo. Nesse momento pensei que eu era incapaz de desenhar uma sequência e tentei focar novamente nos meus padrões geométricos, que por alguma razão se materializaram facilmente.

Por um tempo acreditei que só conseguiria fazer flips dessa forma, um padrão que se constrói continuamente, mas como eu sou teimosa, tentei fazer uma flor se montando aos poucos, e deu certo (ficou meu melhor trabalho? Não, mas já era um começo). Tentei fazer o meu corpo se construindo, e ficou melhor (com sombreado e tudo) - assim descobri um outro padrão, gosto de fazer as coisas se montando do zero.

Comecei a pesquisar outras formas de criar movimentos com desenhos e encontrei uma série de coisas diferentes chamadas de neverending flipbooks ou 3Dflipbooks. Estes materiais podem ser um misto de cortes, colagens e dobraduras, fazendo com que em um material você possa ter 4 possibilidades de desenho e de modo que você possa transitar de um para o outro ao dobrar ou desdobrar a dobradura. Confesso que esse é o material que mais me apetece no momento.

Também podem assumir o formato 3D onde os recortes que formam os desenhos, podem partir de engenhocas que mudam a forma com a qual interagimos com os materiais. Por exemplo, tentei montar uma pequena máquina onde o espectador poderia girar a manivela e ditar a velocidade da sequência de ações desenhadas. Tentei algumas vezes fazê-lo, mas fui me sentindo distante e abandonei essa ideia por um tempo, ainda mais que essa criação de agora não precisa ser a criação da minha vida e abranger tudo que tenho interesse - eu quero levá-la para frente, para outros lugares e contextos, mas sempre atualizando ou fazendo outras versões.

Minha meta atual de flipbooks para este trabalho que estreia no Circulandô de 2024 é dividida em quatro momentos:

- Geométrico - flipbooks que contêm formas geométricas, linhas, ondulações etc.;
- Construção corporal – flipbooks que em suas páginas formam um esboço de corpo;

- Neverending flipbooks – aqueles que são formados por dobraduras, podendo haver no máximo quatro desenhos diferentes no mesmo material, ou um desenho único formado por até quatro partes;
- Flipbooks com fotografia - realização de um stop motion revelado (tentativa de colocar o corpo em movimento). Confesso que esse momento é o que mais me preocupa. Minha estratégia é gravar vídeos me movimentando com o corpo pintado e depois extrair os frames para torná-lo um stop motion - é uma forma mais fácil de se fazer e que gera um efeito parecido com o desejado – mas para mim ainda é muito difícil me movimentar dessa forma, fico constrangida e me segurando o tempo todo.

2.2 COMPARTILHAMENTOS PERIÓDICOS E FEEDBACK:

Ao final do semestre passado, a turma concordou em seguir com compartilhamentos periódicos das nossas produções, como exercício de fala do que estamos produzindo e para podermos contribuir com os trabalhos uns dos outros. Sendo assim, no primeiro compartilhamento logo no início do segundo semestre, meu maior foco foi a produção dos flipbooks convencionais e os neverending flipbooks de dobradura – foi muito gratificante poder ver outras pessoas manipulando meus materiais, afinal grande parte do trabalho se trata dessa qualidade de interação.

Depois desse primeiro momento, avancei um pouco nos meus flipbooks mas estava com sentimento de estar estagnada, então comecei as testagens com fotografia. Peguei um dia de aula na sala Iluminação do bloco 5U da UFU – sala com as paredes pretas e com cortinas que garantem um ambiente escuro total – aproveitei minhas colegas presentes para me ajudar a fazer as marcações nas áreas que eu não consigo ver do meu corpo, montei um fundo infinito com tecido preto e usei uma ring light como luz.

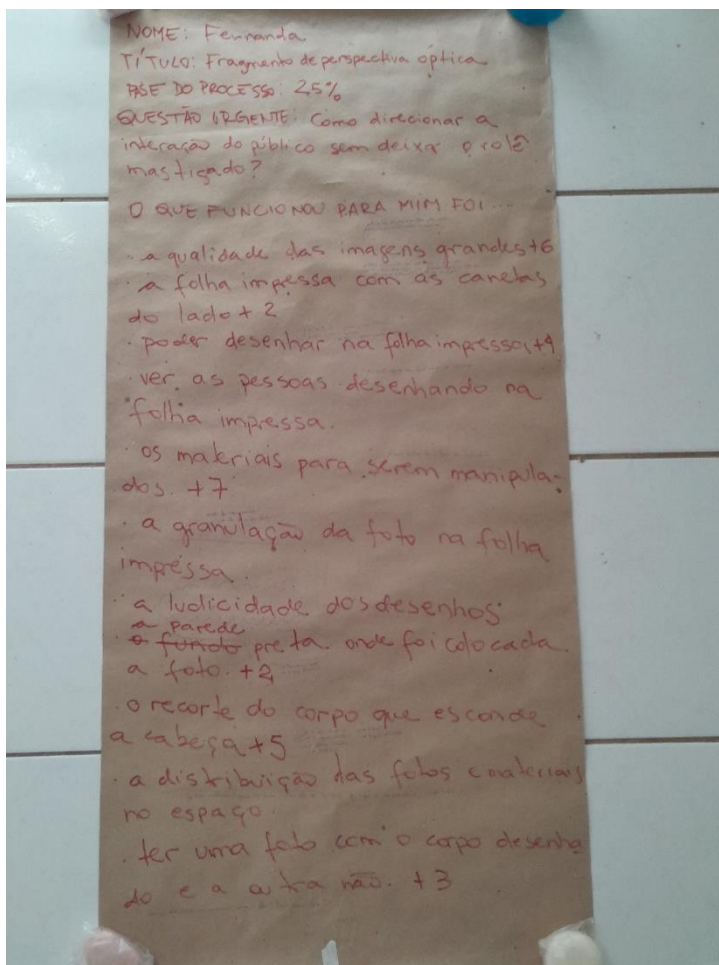
Assim que terminamos as montagens, pedi para uma das pessoas presentes fotografar seguindo minhas instruções - fotografias em plano detalhe, de baixo, de cima, buscando escorços através das torções do meu corpo - mas cheguei à conclusão de que, dar instruções é muito difícil, ainda mais quando a outra pessoa não tem a mesma experiência de câmera que você. Fiquei um pouco decepcionada, apesar de ter selecionado três fotos que ganharam espaço no meu coração, elas eram apenas fotos bonitas e não o que eu queria mostrar verdadeiramente.

Sendo assim, selecionei duas fotos e mandei imprimir no formato A2 em papel fotográfico, para ver se esse seria mesmo o objetivo de impressão - e realmente é. Então, no segundo compartilhamento, o foco seria, além de partilhar novos materiais, pensar em como eles se relacionam com o espaço. Novamente, usei a sala Iluminação, coloquei uma foto em cada parede (uma foto minha com marcações no corpo e a outra sem as marcações, para poder dividir a sala em momentos), e do lado da foto com meu corpo limpo, coloquei duas carteiras escolares e em cima delas, meus flips, minhas canetas e folha com fotografias do meu corpo limpo e impressas em folhas sulfite.

A orientação era para que as pessoas apenas ficassem à vontade. Pude ver os colegas observando as fotos, manipulando os materiais, comentando entre si e desenhando nas folhas sulfite com as impressões do meu corpo. Como forma de retorno, utilizamos quatro fragmentos do método DAS Theatre Feedback Method:

1. Conversa à dois: as pessoas que assistiram ao trabalho saem da sala e em duplas começam a conversar – essa etapa é feita longe da artista criadora, para que os espectadores possam elaborar pensamentos e gastar seus juízos de valor.
2. “O que funcionou para mim foi...” - as pessoas espectadoras usam esse início de frase para falar algo que funcionou no trabalho e fazemos uma conta das pessoas que pensaram a mesma coisa.

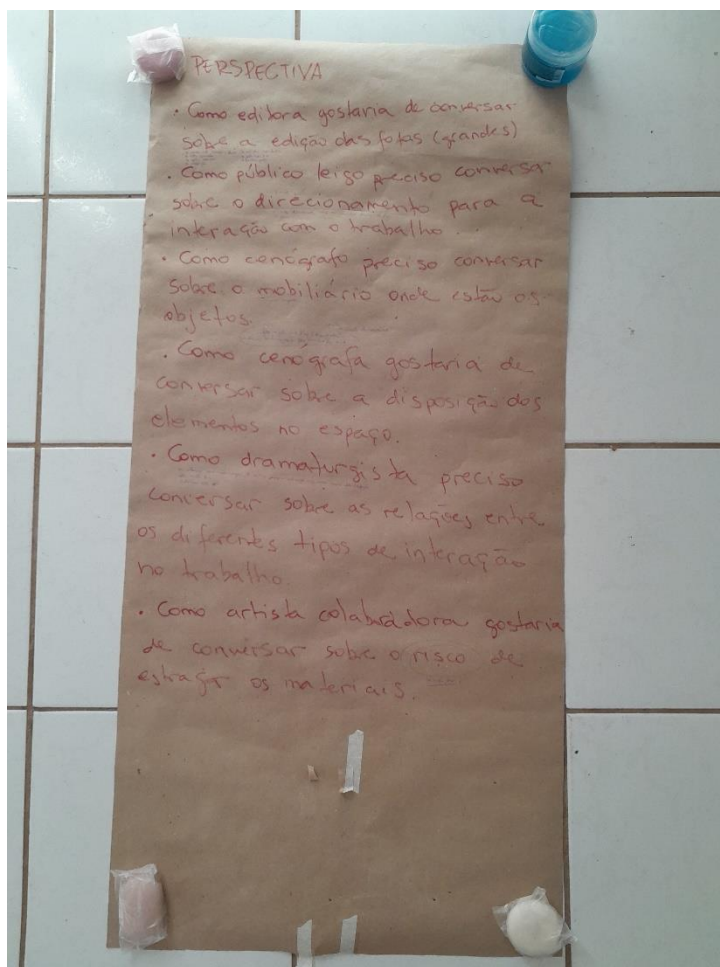
IMAGEM 23 - EXERCÍCIO DE FEEDBACK: O QUE FUNCIONOU PARA MIM FOI...



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

3. “Como (função ou forma de atuação), preciso falar sobre (função)... - as pessoas espectadoras usam esse modelo de frase para comentar algo que ainda precisa ser trabalhado, por exemplo “eu como animadora profissional, preciso conversar sobre a qualidade sequencial dos desenhos”.

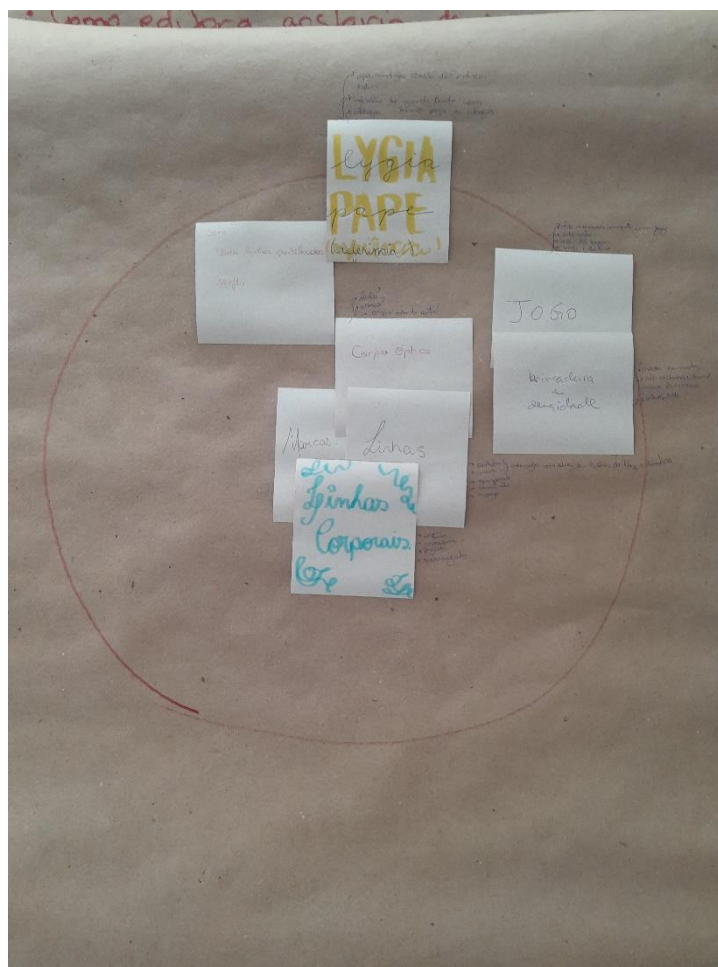
IMAGEM 24 - EXERCÍCIO DE FEEDBACK: PERSPECTIVA



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

4. Reflexão com conceito - (já comentado antes) as pessoas espectadoras escrevem a primeira palavra ou conceito que lhes vêm à cabeça, para que a artista possa mapear de acordo com a distância e proximidade, tanto espacial quanto conceitual, o que as pessoas escreveram sobre seu trabalho.

IMAGEM 25 - EXERCÍCIO DE FEEDBACK: REFLEXÃO COM CONCEITO



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2023

Esse método é muito enriquecedor porque dá para o artista mais material para trabalhar, trazendo perspectivas relevantes de pessoas que não estão tão envolvidas nesse processo – as vezes, quando se está trabalhando intensivamente em uma coisa só, você se torna incapaz de perceber coisas, talvez óbvias para quem vê “de fora”.

Nesse meio tempo, mais precisamente dos dias 11 ao dia 14 de outubro, aconteceu o XII Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança em Brasília (DF), e eu fui uma das selecionadas para o comitê “Relato de Experiência” na modalidade de apresentação com demonstração artística. Meu relato aconteceu logo no primeiro dia a partir das 16:20. Era uma sala tradicional de dança com espelho e eu precisava dar um jeito de me organizar.

Colocamos meus quadros apoiados nas janelas devido às suas alturas, para ficar na linha do olhar do público, e espalhamos pilhas com flipbooks e uma pilha com os materiais de intervenção, pensando no caminho que o público poderia fazer. Ao dar início, convidei as pessoas para

perambular na sala enquanto lhes contava sobre minha pesquisa. Falei sobre o início dos meus interesses, os trabalhos prévios, as bases de um flipbook, minhas inseguranças, entre outras coisas (basicamente esse TCC versão resumida, encolhida, amassada e no 2.0 de velocidade).

IMAGEM 26 – CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA



FOTOGRAFIA: MENDES, TASCIANO 2023

IMAGEM 27 – RELATO DE EXPERIÊNCIA



FOTOGRAFIA: MENDES, TASCIANO 2023

IMAGEM 28 – RELATO DE EXPERIÊNCIA



FOTOGRAFIA: MENDES, TASCIANO 2023

IMAGEM 29 – RELATO DE EXPERIÊNCIA



FOTOGRAFIA: MENDES, TASCIANO 2023

Foi a melhor experiência da minha vida no âmbito arte. Eu me coloquei no lugar de artista, eu me senti assim, conheci pessoas do Brasil inteiro e pude vê-las brincando com meus materiais, me abraçando depois, nada é mais gratificante do que isso. É uma pena que foi tudo tão corrido, que as pessoas dos compartilhamentos artísticos não tiveram feedback como os outros dos comitês, eu estava ansiosa por essa oportunidade, principalmente diante de um momento em que todos da turma de Estágio e Práticas estamos tão dentro dos processos uns dos outros, que fica difícil dar feedbacks – seria uma oportunidade única de pessoas de outros estados, com outras vivências, poderem contribuir com o meu processo. Mas tudo bem, ainda foi incrível.

De agora em diante, o maior objetivo era buscar por lugar para realizar meu trabalho, devido a um combinado feito com a turma, que o próximo compartilhamento aconteceria em possíveis espaços para a realização dos trabalhos; e que comece a caçada. Eu e mais um grupo de meninas, já havíamos visitado os lugares públicos de cultura disponíveis na cidade e ganhamos muitos “não” -

o que é bem devastador e preocupante. Deixamos isso de lado por um tempo, mas chegou o momento que precisaríamos com mais urgência, então revisitamos esses lugares, e fomos negadas novamente.

Fomos a lugares privados e adivinha? “Não” também. A minha última tentativa foi no Espaço Fluxo por ser de egressas da UFU. Foi o primeiro lugar receptivo e disposto a nos ouvir, toparam logo de primeira fazer o compartilhamento em uma das salas de ensaio e depois discutir sobre as possibilidades de uso futuramente.

Chegamos ao terceiro compartilhamento. O que ficou muito na minha cabeça do compartilhamento anterior, foi que a sala Iluminação era muito grande, com pé direito muito alto, que as cortinas atrapalhavam e que por ter materiais “baratos” impressos, minha fotografia com o corpo sem marcações tomou um ar de mais caro (o que realmente foi), afastando o público dela, então comecei a me questionar qual a importância dela para além da interação e se realmente ela precisa estar presente.

No Espaço Fluxo, a sala é menor do que a Iluminação, mas ainda considerada de um tamanho razoável e com um pé direito de gente normal. Lá eu consegui pegar emprestado mesinhas e banquinhos para fazer meus tótems de flipbooks distribuídos pelo espaço, e um cantinho do desenho com meus materiais de intervenção (adicionei materiais em branco e algumas sequências já prontas com meu corpo desenhado, para que as pessoas pudessem desenhar por cima).

Em relação ao preenchimento do espaço, foi perfeito. Meu problema foi a questão das fotos, eu emoldurei em formato de painel sem borda e precisava pendurá-las na parede, mas como lá as paredes são de gesso, não pude fazer interferências, apenas usar um gancho já existente, mas que se encontrava em uma altura maior do que a necessária. Devido às circunstâncias, uma foto ficou pendurada muito alta e a outra ficou apoiada muito baixo em um banquinho. Para mim o compartilhamento foi um sucesso em relação a ocupação de espaço e interação do público - pude ver as pessoas se divertindo e desenhando (alguns materiais elas levaram e outros deixaram para mim).

2.3 FOTOGRAFIAS- FOTOPERFORMANCES

Para iniciar esse tópico, nada mais justo do que começar do começo. Com base nas minhas pesquisas, principalmente nos sites Brasil Escola³⁷ e Toda matéria³⁸, o termo “fotografia” vem do grego “foto” (luz) e “graphein” (escrever, gravar), então a partir disso não tem como não mencionar a famosa Câmera Obscura, que consiste em uma espécie de caixa preta, onde uma de suas faces possui uma abertura por onde entra a luz refletida por um objeto de fora da caixa, resultando em um reflexo invertido dessa imagem por dentro da outra face do dispositivo. Não se sabe ao certo quando se deu seu surgimento, mas há muitos registros em diferentes épocas e lugares do mundo, por exemplo, o que se acredita ser o registro mais antigo que menciona essa ferramenta, é um texto chinês chamado “mozi” produzido mais ou menos no século V a.C.

Até então, era apenas uma forma de reflexão sobre a propagação da luz, mas segundo estudos, a primeira confecção de fato de uma câmera obscura se deu no século VI d.C. a partir dos experimentos de Antêmio de Trales. Assim, com o passar do tempo, foram aplicadas melhorias na câmera para melhorar a qualidade de imagem e portabilidade, além dos mais variados usos para ela, exemplo, para estudar astrologia (bem como ver um eclipse de forma segura) e para auxiliar nos desenhos de artistas como Leonardo Da Vinci.

De acordo com a junção dos estudos de luz e de alquimia, os estudiosos começaram a fazer testagens na tentativa de capturar uma imagem e em seguida, trabalhar na durabilidade. Acredita-se que o crédito de ter tirado a primeira foto é do francês Joseph Niépce (1763-1828) em 1817, colocando uma placa de estanho coberta com betume no fundo da câmera obscura por oito horas, para dar tempo de o sol refletir o que estava presente naquele ambiente e essa luz reagir com a placa de estanho.

Anos depois, ainda na França, Louis Jaques Mandé Daguerre desenvolveu um dispositivo que cumpriria a função de captar imagens permanentes, que foi apresentado pela primeira vez à Academia de Ciências de Paris em 1839 e virou um marco para a fotografia – o nome do dispositivo é Deguerréotipo que consistia em uma grande e pesada caixa, com lentes capazes de captar a imagem com ajuste de foco e gravá-la no vidro em apenas trinta segundos. Apesar de se tornar oficialmente um item comercial, essa máquina acabou não se popularizando devido ao difícil acesso e portabilidade de acordo com seus elevados tamanho e peso.

³⁷ Disponível em: [História da fotografia: como surgiu, evolução - Brasil Escola \(uol.com.br\)](http://www.brasilestudo.com.br/historia-da-fotografia-como-surgiu-evolucao)

³⁸ Disponível em: [História da fotografia: origem e evolução - Toda Matéria \(todamateria.com.br\)](http://www.todamateria.com.br/historia-da-fotografia-origem-e-evolucao)

Nos anos seguintes, foram criadas lentes com maior abertura, em busca de maior qualidade para as imagens, e o novo dispositivo chamado Calótipo pelo cientista inglês William Henry Fox Talbot (1800-1877), que estudava processos de impressão de sal em papel, resultando nos famosos positivo e negativo da foto. A tendência era diminuir o tempo de captura, melhorar as imagens e deixar mais acessível para consumidores.

Logo depois em 1861, o físico escocês James Clerk Maxwell (1831-1879), tirou a primeira fotografia colorida, e as fotografias iam despertando cada vez mais o interesse da população para registrar seus preciosos momentos e ocasiões. Em 1901 a empresa Kodak revolucionou o mercado lançando a primeira máquina fotográfica portátil e de fácil acesso – a Brownie-Kodak. Mas ela não para por aí, logo em seguida veio o lançamento do Vest Pocket, câmera de bolso, e do Kadochrome, o primeiro filme colorido, em 1990 entramos no mundo da Câmera digital DCS 100. Daqui em diante já sabemos como termina, chegam os celulares, computadores e cada vez mais atualizações desses dispositivos até chegarmos hoje em dia.

O meu interesse em fotos começou a ficar explícito para mim em 2019, no meu terceiro ano de colegial, quando meu amigo de infância comprou uma câmera semiprofissional e começou a tentar trabalhos com fotografia e vídeo, mas até então, para mim ainda era algo muito fora da minha realidade, segundo vozes da minha cabeça. Eu sempre ficava xeretando as coisas que ele fazia, mas eu mesma não fazia nada.

Me formei, entrei na UFU e duas semanas depois do primeiro dia de recepção dos calouros, foi declarada pandemia. Nos primeiros meses eu tentei me manter ativa com algumas coisas, mas se você também presenciou esse momento da Covid-19 você sabe que as coisas foram meio sombrias né. Por isso apesar dos pesares, quando começaram as aulas online, eu agradei, estava vendo gente de diferentes lugares, com diferentes pensamentos e tendo aulas de professores incríveis que tentaram de tudo para fazer valer a pena nas dadas condições.

Foi nesse estranho contato distante que comecei a ter interesse nas coisas novamente, principalmente na fotografia. Esse período foi quando comecei a testar coisas com a câmera do celular mesmo, um tripé que minha mãe me deu e luzes improvisadas com velas ou com o abajur do quarto do meu irmão. Eram testes interessantes e divertidos, mas eu não me via seguindo em frente, pensando que havia tido interesse tarde demais e que eu não tinha condições de comprar os materiais certos para esses tipos de experimentações.

Apesar desses pensamentos negativos, foi nessa época que conheci e me interessei em fotoperformances. Mas o que é isso? É uma performance que acontece apenas na fotografia ou na série de fotografias, diferente de registro de algo, é uma coisa planejada especificamente e somente para a foto. Ok, mas o que é performance? Aí você me lascou! Se descobrir me avisa. Mas falando sério agora, hoje em dia eu penso a performance como um tipo de acontecimento que nos atravessa de forma mais profunda que o normal, que nos faz questionar, participar, duvidar, que pode ou não gerar estranhamento, e que principalmente (para mim) ultrapassa as barreiras entre diferentes tipos de fazeres artísticos. Demorei até chegar nesse entendimento e pode ser que amanhã ele já não seja mais o mesmo.

O movimento das fotoperformances começou mais ou menos nos anos 60 e 70, tendo como destaque dos artistas pioneiros: Cindy Sherman³⁹, Ana Mendieta⁴⁰, Yves Klein⁴¹, Francesca Woodman⁴², entre outros. Fato curioso: quando estava na criação do *padlet O museu do Corpo* (não visto, na disciplina de Performances do Corpo II, Francesca foi uma das minhas grandes referências que permanece até hoje, mesmo que atualmente sinto que meu trabalho (que começou justamente nessa disciplina e veio se atualizando e gerando novos desdobramentos) se encontra um pouco longe dela como referência estética, como ela era antes.

Na época do *Museu do Corpo* (não) visto, minha intenção em relação às fotos era partir de um ambiente escuro, com a luz de uma vela e de uma corporeidade explorada durante práticas somáticas que me levavam a lugares escuros dentro da minha própria cabeça, lugares onde eu não queria estar porque aconteciam coisas estranhas. Meu objetivo era dar forma a esses sentimentos, pensamentos e acontecimentos estranhos nessa escuridão, por isso uma única vela em uma imensidão preta, eu conseguia controlar com seu posicionamento, o quão iluminado meu corpo estaria – selecionei dos meus experimentos algumas poses do meu corpo se torcendo e destorcendo e fui posicionando a luz mais perto ou mais afastada para brincar de esconde-esconde com as partes do meu corpo em pose.

³⁹ Nascida em 1954, a fotógrafa e artista visual ficou conhecida por seus trabalhos que abordam principalmente questões de gênero, identidade e representação. Ela fotografa a si mesma em diversos cenários como se fosse diferentes personagens de acordo com o contexto, usando das ferramentas de criação de cenários elaborados, maquiagens e figurinos.

⁴⁰ Artista cubano-americana, que nasceu em 1948 e faleceu precocemente em 1985. Ela ficou conhecida por trazer seu corpo em contato com a natureza, trazendo questões de identidade, corpo feminino e espiritualidade à tona.

⁴¹ Artista francês nascido em 1928 e falecido em 1962. Ficou conhecido pelas suas contribuições para o movimento artístico *Nouveau réalisme*, por reinventar usos para a cor azul e por suas fotografias do *invisível*, que consistia na marca de tinta que os corpos que ele escolhia formavam.

⁴² Fotógrafa nascida em 1958 e infelizmente falecida muito cedo em 1981. Suas fotografias exploravam o autorretrato, identidade, feminilidade, além de trazer elementos abstratos/surrealistas para suas composições intrigantes.

A característica que mais me agrada no resultado dessas fotos são os borrões criados pelo escuro ou por espasmos corporais, em que em alguns momentos não conseguia distinguir qual parte do corpo era ou como eu estava posicionada, e isso é algo que eu mantenho até hoje. O que muda é que atualmente a qualidade técnica das fotos é outra coisa (devido a mudança de materiais usados), os borrões em si estão minimamente presentes, mas o que domina agora é a corporeidade do meu corpo carne e do meu corpo traço, que brincam entre si e entre o escuro, se torcendo e destorcendo, criando uma paisagem.

O processo de fotografar dessa vez foi diferente. Da primeira vez eu tinha apenas eu mesma, um celular, um tripé e uma vela, mas dessa vez eu tinha uma câmera de cinco mil reais (que eu peguei emprestado), uma sala com paredes, teto e chão preto, capaz de criar um blecaute, luzes de jardim de diferentes tamanhos e intensidades, um tripé que serviu de suporte para essas luzes, uma extensão para poder mover as luzes livremente e alguém para me ajudar. Um bom avanço né. Eu confesso que eu gostaria de fazer autorretrato, é algo importante para mim, mas com as condições e tempo que tenho, pedir ajuda me salvaria um bom tempo para cuidar de outras questões do trabalho.

Sobre a luz, preferi usar a minha lâmpada média, com o tripé o mais alto possível e em diagonal em relação ao lugar onde eu iria me posicionar. Conforme a necessidade, fomos mudando o tripé de lugar, mas sempre deixando a luz no mesmo nível, e alterando a intensidade e projeção da luz, usando um tecido preto em volta dela. Agora em relação as fotos, eu havia realizado testes de baixa qualidade em um cenário improvisado em casa, para que no dia do ensaio as poses e os ângulos de câmera já estivessem salvos na minha cabeça, o que me ajudaria a direcionar a outra pessoa a tirar as fotos o mais próximo possível do que eu idealizei.

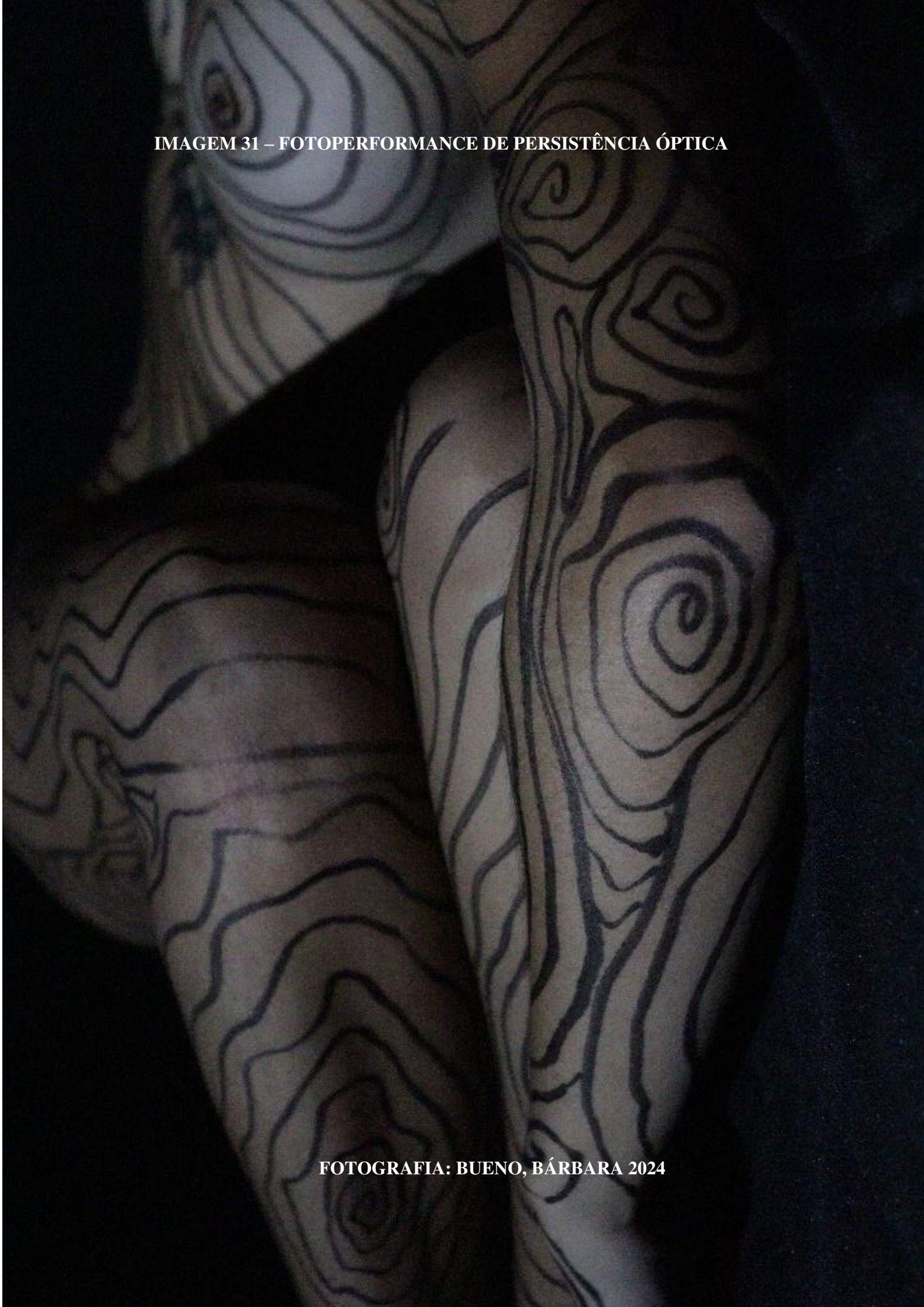
De fato, essa estratégia me ajudou muito, principalmente para eu não ficar tímida no momento de tirar as fotos, como meu corpo já sabia o que fazer, estava escuro e a pessoa que me ajudou era muito próxima de mim (e já me viu sem roupa várias vezes), o processo se tornou mais tranquilo. Ensinei uns macetes de câmera para ela, conversei bastante sobre as minhas intenções enquanto pintava o meu corpo, deixei livre para que se ela quisesse testar coisas também, e deu bom.



IMAGEM 30 - FOTOPERFORMANCE DE PERSISTÊNCIA ÓPTICA

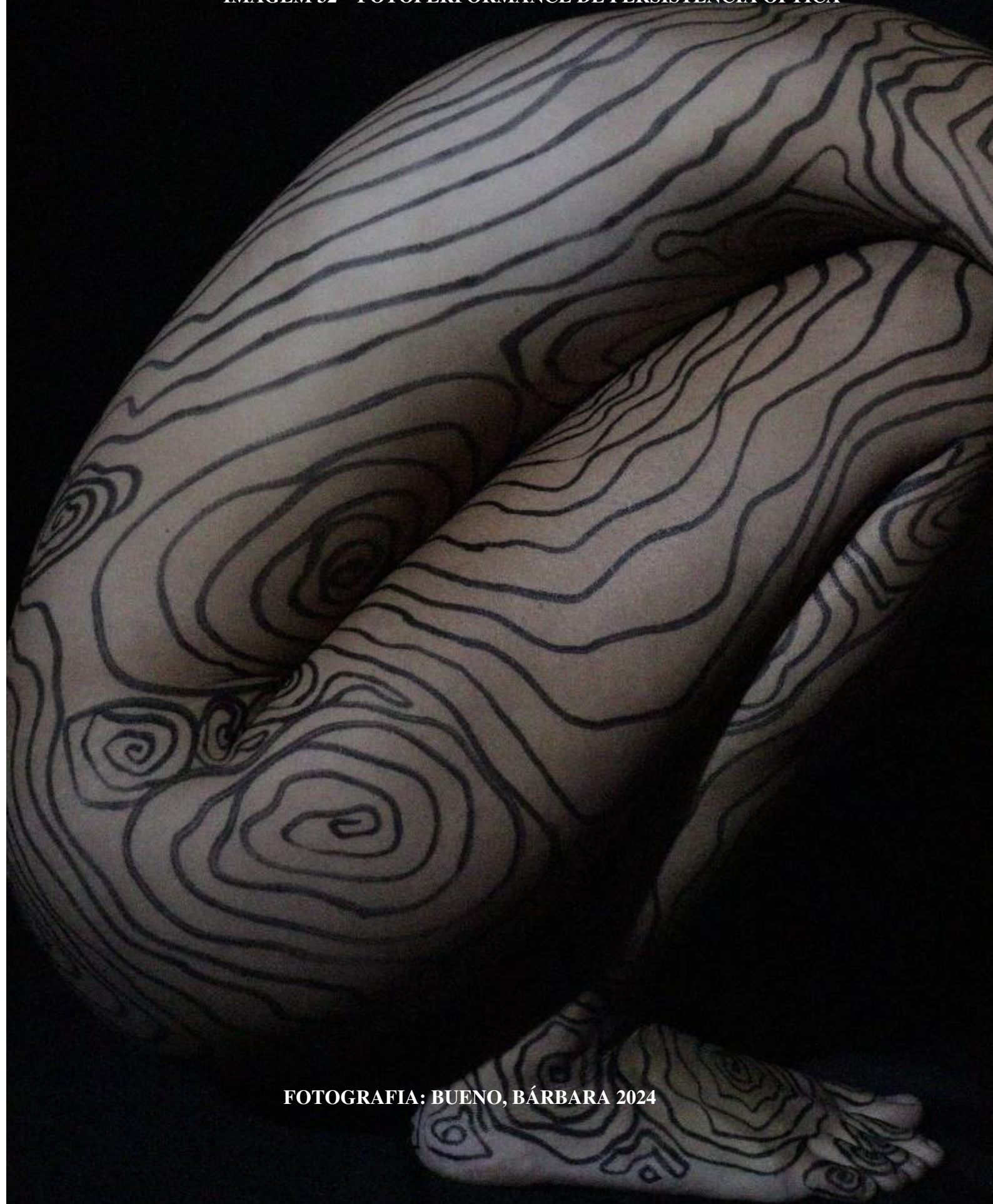
FOTOGRAFIA: BUENO, BÁRBARA 2024

IMAGEM 31 – FOTOPERFORMANCE DE PERSISTÊNCIA ÓPTICA



FOTOGRAFIA: BUENO, BÁRBARA 2024

IMAGEM 32 – FOTOPERFORMANCE DE PERSISTÊNCIA ÓPTICA



FOTOGRAFIA: BUENO, BÁRBARA 2024

Minha única questão desses ensaios que fizemos é que, eu tenho o desejo de colocar ainda mais meu corpo em ação e movimento, de outra forma, aquele movimento convencional que o senso comum chama de dança, então meu plano era gravar vídeos dançando, me movendo, e depois extrair os frames para criar um stop motion que se transformaria em um flipbook. Mas eu me senti travada o tempo todo, diferente de quando eram as fotos, fiquei acanhada de me mover do meu jeito, ficava travando e impedindo que o fluxo de movimento me atingisse – foi muito frustrante.

3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO III E PRÁTICAS III:

3.1 RELAÇÕES COM PÚBLICO, EXPOGRAFIA E ESPAÇO

E se dá a largada para a reta final. Como eu estou? Descontrolada, apenas. Iniciou-se o semestre e eu me encontro de saco cheio da vida, o trabalho está me consumindo, ou melhor, me corroendo de dentro para fora, me fazendo virar do avesso. Trabalho por horas, corro para lá e para cá, de trabalho só me falta remendar a parede com gesso porque de resto, já fiz, chego em casa e minha cabeça não desliga. Durmo poucas horas e me levanto para chegar atrasada nas aulas e me decepcionar mais uma vez, comigo, com a aula, com meu trabalho, com a minha existência nesse curso. Chego em casa, momento de fazer flipbooks, tirar fotos, escrever TCC, namorar, cuidar de mim, falar com a família e cuidar de uma gatinha que adotei. Mas Fernanda, dá tempo? Claro que não, porque eu chego em casa e durmo.

Se você chegou até aqui, parabéns, não sei como aguentou. Me desculpa meu desabafo, mas é isso que se passa todos os dias na minha cabeça e interfere diretamente nesse diálogo que estou tendo com você. Agora pensa comigo, se o semestre mal começou e eu já estou assim, imagina no final, estarei careca depois de ter arrancado fio a fio do meu cabelo, morando em uma casinha feita dos meus quadros e comendo meus flipbooks. Melancólica né?

Nessa reta final, me encontro tentando tirar forças de onde não tenho, tempo de onde nem sei, para fazer meus materiais manuais, as fotografias e encontrar um lugar. O que me alivia um pouco é que eu consegui tirar a maioria das fotos que preciso, creio que só mais uma seção dá conta do recado, estou fazendo meus materiais, mesmo que a passos de tartaruga, e que finalmente encontrei um lugar para realizar meu trabalho. Obrigada meninas do Espaço Fluxo!

Depois de muito tentar em outros lugares, percebi que a minha solução não viria com o surgimento de um lugar perfeito, mas sim, com a mudança de materialização dos meus quadros. Pensa comigo, imprimir a foto, emoldurar, pendurar na parede, tapar os buracos e pintar novamente – muito gasto e ninguém disposto a negociação - agora, imprimir a foto diretamente no quadro, de material consideravelmente mais leve e que acompanha suportes com cola de fita dupla-face, com os quais eu posso colar e pendurar meus quadros na parede sem danificar sua estrutura ou pintura, alô, alô meninas do Fluxo!

Conversei com elas sobre o novo material, testei e elas concordaram que o trabalho aconteceria ali. Foi uma grande conquista para mim, logo já marcamos uma reunião para acertar os detalhes e marcar o dia. A única coisa que me entristece é que é apenas um dia e eu queria ter pelo

menos a sensação de uma exposição por mais de um dia, só para saber como é, mas dessa forma eu atrapalharia as programações do próprio espaço. Já fico satisfeita com esse dia, mas continuo na busca de mais um lugar, também para testar as possíveis adaptações que eu precisaria fazer de acordo com suas respectivas especificidades.

Para esse semestre, combinamos de fazer um último compartilhamento antes do grande dia, dando foco para as nossas necessidades do momento e estratégias de ocupação do espaço. O meu compartilhamento se deu comigo me esforçando para falar sobre meu trabalho, porque até então estava muito difícil conseguir reservar a sala com paredes pretas e uma câmera fotográfica, não tinha confirmação do meu local e não tinha avançado tanto nos flipbooks quanto eu gostaria. Dessa forma, fiz apenas uma conversa tentando descrever como seria no dia, mostrando alguns poucos materiais. Mal sabia eu que os docentes haviam programado um sistema de feedback para esse momento, por isso, para que eu tivesse melhor aproveitamento, eles sugeriram que eu fizesse novamente.

Tivemos uma conversa muito boa e motivadora que resultou no meu segundo compartilhamento. Eu criei uma espécie de maquete manual, com as paredes pretas, quadros feitos a partir de desenhos imitando minha estética de fotos, tótems pretos feitos com a estrutura de um dado contendo pequenos recortes de folha imitando os flipbooks, e uma mesa maior preta, feita com a mesma estrutura dos tótems mas em medidas diferentes, com recortes que imitam os materiais que deixarei dispostos para as pessoas criarem (tesoura, cola, canetas pretas, folhas em branco, impressões baratas de fotografias do meu corpo em branco, instruções de como fazer flipbooks, etc.).

IMAGEM 33 – COMPARTILHAMENTO EM SALA DE AULA



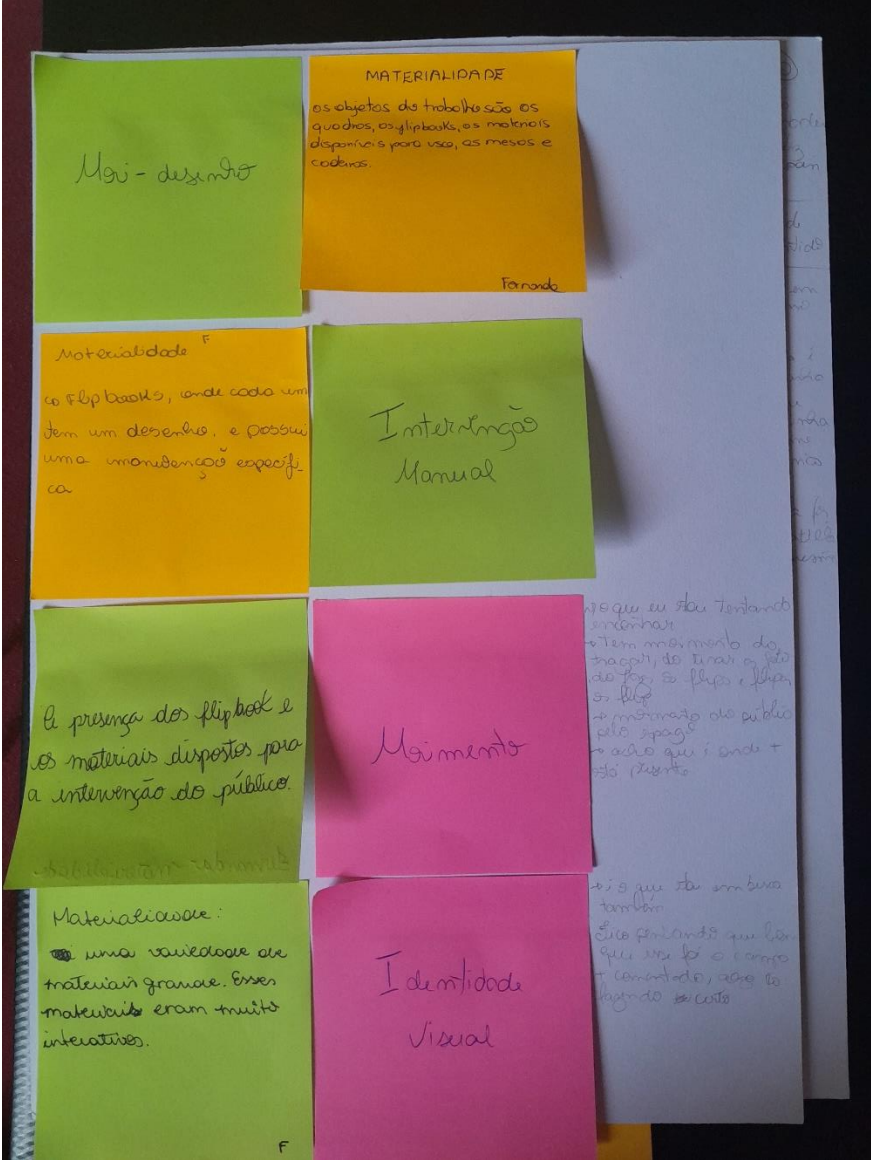
FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2024

Dessa vez o feedback é composto por três partes:

- Conversa em duos ou trios logo após a apresentação, gravação de um áudio-correspondência para a artista e no fim, cada um escreve uma palavra/conceito em um papel, que é colocado dentro de um envelope e entregue para a artista – que por sua vez, fica bem quietinha e distante do resto do coletivo enquanto eles trabalham nessas questões.
- A partir das anotações feitas por cada um sobre cada trabalho, deve-se escrever de forma descritiva sem juízo de valor ou sugestão, algo que te chamou atenção em cada trabalho, seguindo as respectivas categorias (colocando uma categoria de cada trabalho em papéis separados): espaço, figurino, sonoridades, público, iluminação, materialidade e corporeidade.

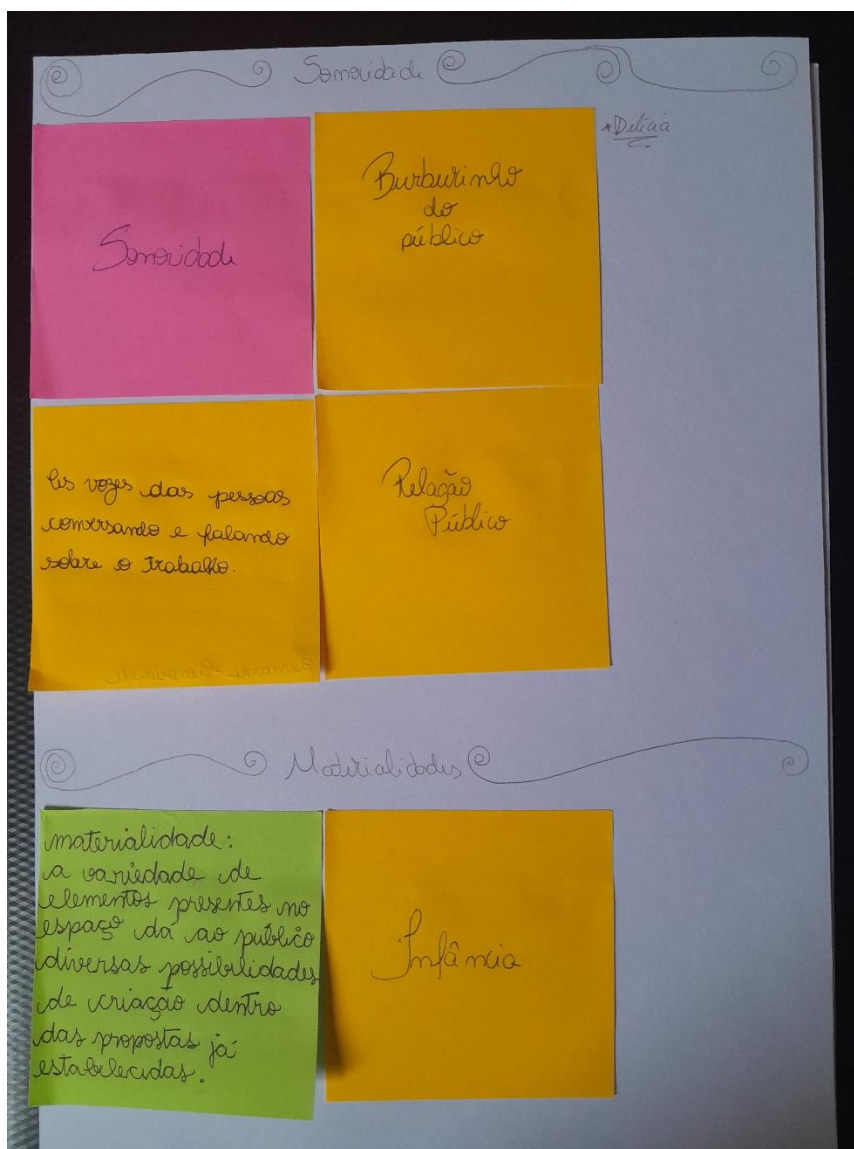
Esses papéis são colocados em uma tabela que relaciona as categorias com o nome de cada artista. Depois cada artista abre seu envelope e transcreve as palavras que possui, para que em seguida, sejam colocados na mesma tabela.

IMAGEM 34 - EXERCÍCIO DE FEEDBACK



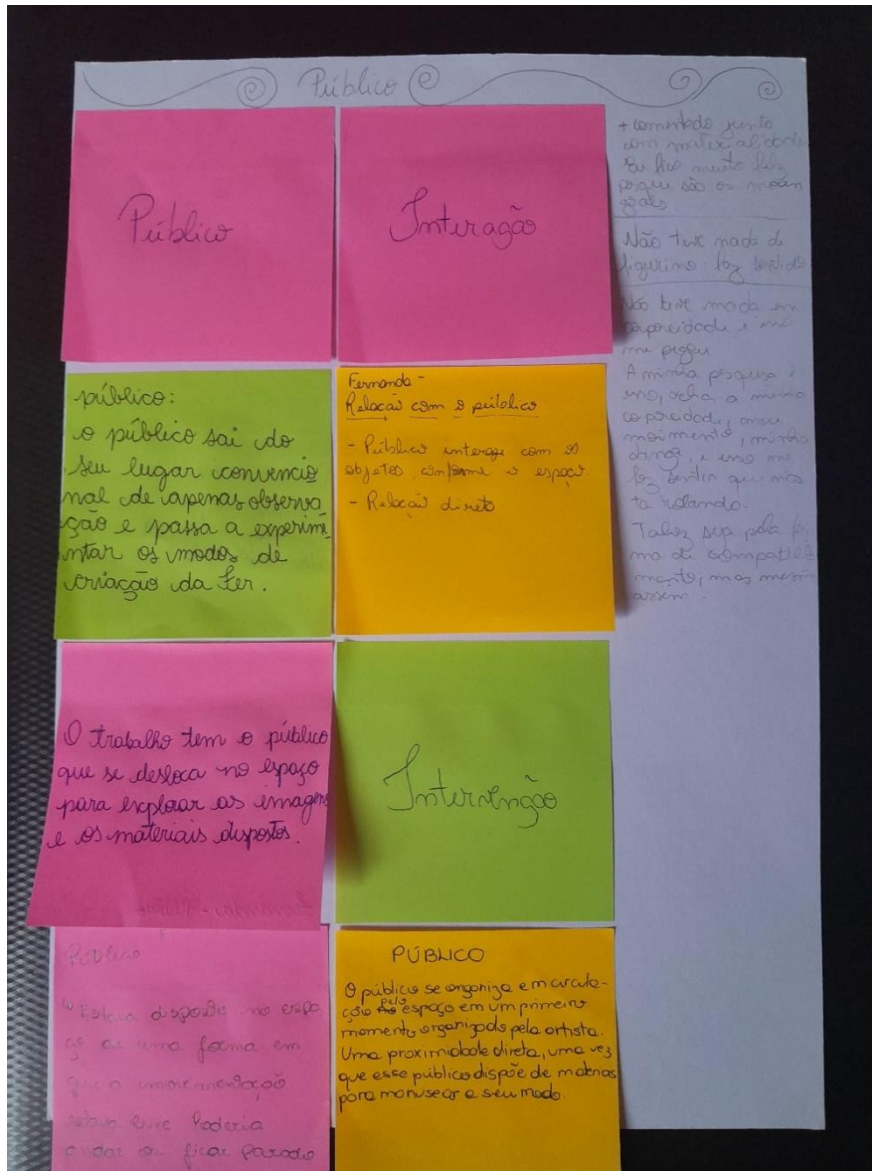
FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2024

IMAGEM 35 - EXERCÍCIO DE FEEDBACK



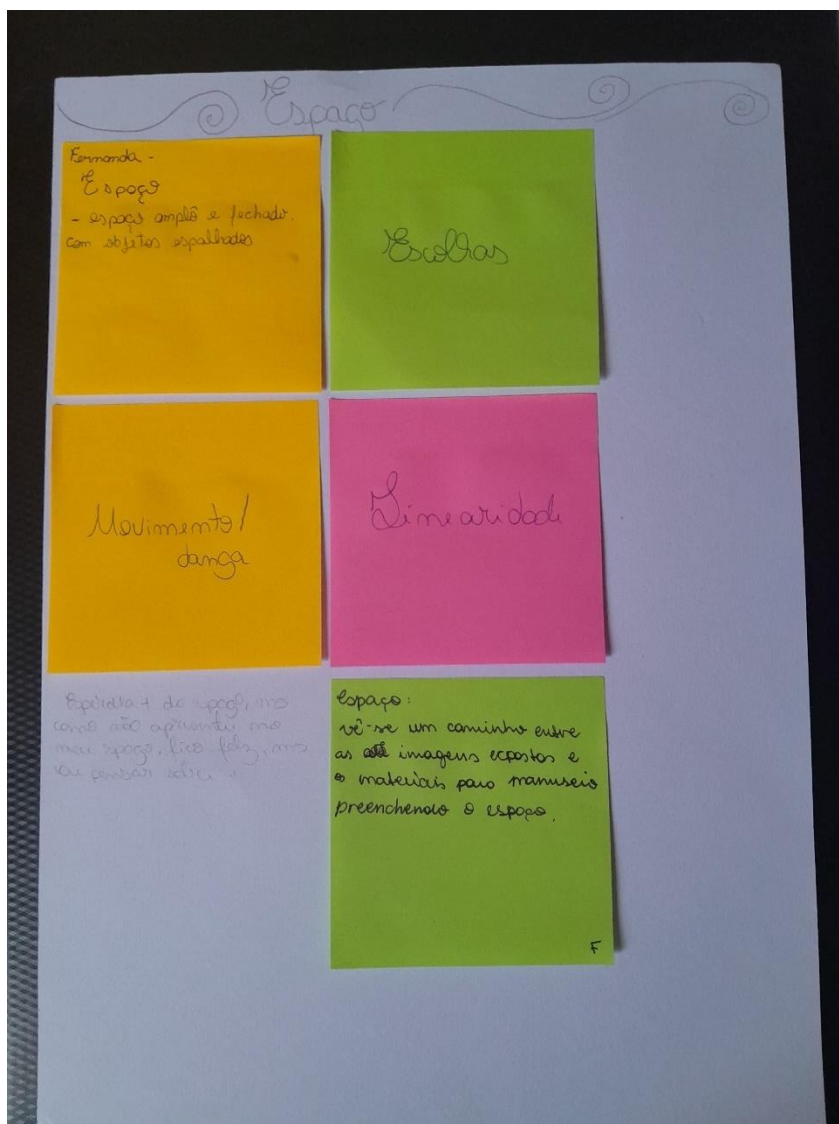
FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2024

IMAGEM 36 - EXERCÍCIO DE FEEDBACK



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2024

IMAGEM 37 - EXERCÍCIO DE FEEDBACK



FOTOGRAFIA: GUIRÁU, FERNANDA 2024

Sobre meus dois compartilhamentos, confesso que não senti muita diferença entre os áudios e as palavras do envelope, mas acredito que mesmo em condições mais precárias, esse pessoal está me acompanhando desde o início, então por isso não deve ter sido tão difícil imaginar o que eu estava descrevendo, mas tenho certeza de que se fosse outras pessoas seria uma história totalmente diferente. As principais questões colocadas em jogo foram: como se dá a minha presença na instalação, o que penso de sonoridade e como colocar instruções de manuseio e criação dos materiais de modo que as pessoas consigam entender, mas sem deixar uma fórmula engessada.

Até então eu não tinha pensado tanto na minha presença, eu quero estar lá para poder ver a interação com o público que tanto me interessa, mas não como uma figura “informação” (no caso

de as pessoas virem perguntar como se faz), apenas como uma artista presente se misturando de público. Agora, em relação a sonoridades, elas já estão presentes. O que me interessa é o público, poder vê-los conversando entre si sobre como fazer, o som de passos, risadas e o próprio barulhinho dos flips, essa é minha ambientação perfeita.

Em relação as instruções, penso em deixar Qrcodes com pequenos gifs manuseando os materiais, e um vídeo que mostra o processo de fazer um flipbook simples com imagens minhas fazendo. Além disso também pensei na possibilidade de dar uma oficina, como um esquentar antes do dia de estreia, usando os mesmos materiais que estarão dispostos no dia, e ensinando alguns princípios que aprendi nessa pesquisa. Seria uma boa oportunidade de interação com o público, me daria uma dose a mais de confiança e talvez previna que o público fique acanhado durante a minha instalação.

Essa tabela que construímos serviu para tirar algumas conclusões necessárias, por exemplo, as categorias mais comentadas foram materialidades e público, o que me deixa muito contemplada, senti que estou fazendo algo certo para ter chamado a atenção das pessoas para esse quesito (além de que são as principais coisas do trabalho). Pouco se foi falado de espaço e sonoridade, creio que a primeira questão faz sentido nesse momento porque eu não ocupei de fato o espaço da instalação, meu ambiente se deu em quatro paredes de papel. No caso das sonoridades, fico feliz que o que foi mencionado foi relacionado ao burburinho do público durante a interação, que é justamente minha intenção.

Nada foi comentado sobre iluminação e figurino, também faz sentido, porque naquele momento foi usada a iluminação da sala em que estávamos da UFU – e no dia da estreia será usada a luz do Espaço Fluxo – e não tenho figurino. O campo de corporeidade também ficou em branco e isso me deixou reflexiva. Para mim a corporeidade e a materialidade andam de mãos dadas, já que essa pesquisa se dá na procura do movimento e da dança a partir dos flipbooks (e conseqüentemente, qual esse corpo que dança), por isso gerou um certo estranhamento em mim, será que não estou conseguindo passar isso através do trabalho?

Tenho 90% de certeza de que isso é insegurança minha, porque eu admito que para mim, ainda é difícil me convencer de que isso é dança, eu pesquiso, testo e falo para mim mesma e para os outros de que é, é meu movimento, mas no fundo eu ainda tenho muitas dúvidas. Que corpo é esse e onde ele está? Talvez isso tenha se dado de acordo com o modo como compartilhei meu processo – uma maquete que ilustra um lugar, ilustra quadros e flipbooks e materiais inexistentes, no sentido de não ser uma cópia de algo que já foi feito, mesmo com a presença de quadros,

flipbooks e materiais existentes ao lado – o foco se deu no modo como foi criada a maquete. Mas isso são apenas as vozes da minha cabeça tirando suas conclusões.

Essa maquete foi criada como esboço para pensar a expografia desse trabalho. Eu fiz pensando em algumas coisas que o meu trabalho necessita para acontecer, e outras pensando especificamente no Espaço Fluxo e as possíveis adaptações referente ao local. As paredes pretas eu sinto ser uma necessidade do trabalho por conta da qualidade e estética das minhas fotografias – ambiente escuro de fundo preto, composto por pouca iluminação guiada e meu corpo pintado com linhas pretas, dessa forma, sinto que as imagens dos quadros ultrapassam seus limites físicos. Em relação a iluminação do espaço, exatamente pelo fato da coloração preta das paredes, elas absorvem a luz ao invés de refletir como as paredes brancas, dessa forma, o ambiente se encontra iluminado, mas ainda com um tom mais “sombrio”.

A quantidade de até quinze quadros foi estipulada desde o início de acordo com meu desejo, mas é algo que fez sentido depois de olhar o espaço. Os tótems inicialmente foram pensados de acordo com a mesas disponíveis no Espaço Fluxos (são três unidades), mas conforme o amadurecimento do processo com os feedbacks, cheguei à conclusão de que a mesa de materiais para confeccionar os flipbooks teria que ser maior, para acomodar melhor as pessoas interessadas, então as três mesas do espaço formariam uma grande mesa e eu ficaria responsável por confeccionar quatro tótems, cada um de acordo com os grupos temáticos dos flipbooks.

Esses tótems são feitos por caixas de papelão mais resistentes, revestidas com papel preto, para uniformizar (as mesinhas do espaço têm suas pernas de metal preto e seu suporte é feito de madeira, por esse motivo penso em revesti-las também). Pensando em posicionamento, os tótems serão posicionados em duas linhas paralelas com dois tótems em cada, de modo que cada um fique intercalado com o outro.

Sendo assim, a união desses elementos se dá por meio do caminho criado a partir deles: a pessoa entra pela porta, segue na mesma direção q os quadros, passando pelos tótems de flipbooks e terminando na grande mesa de criação e interação de materiais - é uma construção de uma linha de raciocínio de modo não engessado, dando liberdade para o público interagir da melhor forma.

CONCLUSÃO

Pensei muito em como escrever essa parte, mas tudo que eu queria escrever se resume em uma palavra: enlouqueci. Mas pelos meus poucos conhecimentos, minha conclusão não pode ser apenas um parágrafo e muito menos uma palavra, dessa forma, pensei em alguns pontos para retomar nessa conclusão.

Primeiramente, acho engraçado escrever uma conclusão de algo que não está concluído, e que talvez nunca esteja, mas ao mesmo tempo é interessante, é como se fosse uma série que lança episódios em tempo mais dilatado e enquanto isso os fãs aguardam com um gostinho de quero mais deixado em cada final de episódio. No meu caso, enquanto escrevo essa conclusão, esse memorial não está terminado de fato, faltam algumas correções e formatações, e ao mesmo tempo eu não terminei ainda meu trabalho de Estágio e Práticas - tudo bem que a maioria das informações está presente nesse texto, mas fica um gostinho de saber como foi a estreia do Circulandô, saber como é o processo de produção do evento, montagem e desmontagem, e principalmente, ver como o público interage e é tocado pelo trabalho.

Essa é uma das consequências de escolher fazer o Estágio enquanto faz o TCC. Mas por outro lado, fico feliz em ter feito essa escolha de fazer ambos ao mesmo tempo e sobre o mesmo assunto, talvez se fossem pesquisas diferentes eu não daria conta, inclusive admiro minhas amigas que estão fazendo isso. Elas disseram que é bom falar de coisas diferentes porque você não fica de saco cheio do seu próprio trabalho, apesar da alta demanda. Eu acho que faz muito sentido o que elas falaram, mas para mim, fazer e escrever a mesma coisa, me trouxe uma fluidez inesperada na escrita – mas em contrapartida, quando eu travava no meu processo artístico e/ou ficava desmotivada e de saco cheio, o mesmo acontecia com esse texto, e isso chega a ser desesperador, porque as datas não esperam a gente parar de surtar para cobrar uma entrega.

No final tudo dá certo porque errado já deu no caminho. Creio que esse formato de memorial se tornou muito precioso para mim, chegando a ser quase o meu caderno de artista ou um diário, onde eu posso ser eu mesma – tive muita liberdade na escrita desse texto para falar sobre meus sentimentos, perrengues, acertos, estratégias, tudo como se fosse para um amigo, sem aquela obrigatoriedade de usar palavras rebuscadas como “ontofantasmagórica”, que sempre que aparecem a leitura precisa ser pausada para que haja uma pesquisa de significados. Eu quis ser assim, apenas eu, te contando como foi o processo mais doido da minha vida, em todos os sentidos.

Foi uma experiência muito doida onde um grupo de pessoas trabalha em coletivo, porém cada um em seu próprio processo de criação - fomos descobrindo parcerias improváveis, conhecendo e criando estratégias de criação e feedback, e o mais importante, sendo um alívio de não estar sozinho nesse caminho. Mesmo quando nós não estávamos nos aguentando mais e nem nossos projetos, era bom se encontrar, ouvir que talvez a dificuldade da colega era a mesma que a sua, reclamar, fazer piadas com a tristeza alheia etc.

Em relação à dança, continuo tendo minhas questões sobre qual meu tipo de movimento, se estou me movimentando como gostaria, qual a corporeidade exigida e como abrir minha cabeça o suficiente para deixar que as inseguranças se caíam e os estudos e experiências falem mais alto – quero poder dizer com confiança que o que estou fazendo é um trabalho em dança e talvez, quem sabe, servir de inspiração para alguém que se sente perdido assim como eu. Não importa o que eu fale, o tanto que eu estude, o tanto que os docentes do curso falam sobre transdisciplinaridades e de como a dança pode assumir das mais variadas formas, há sempre uma voz lá no fundo que está em dúvida.

Sobre as materialidades exploradas nesse processo, pretendo continuar a investigação e atualizar sempre essa minha instalação, testar novos tipos de flipbook, mergulhar mais no stop motion, aprender cada vez mais sobre câmera e desenho; quem sabe não vem um mestrado pela frente e uma circulação de trabalho.

Pretendo também começar a investir mais em equipamentos, principalmente no que diz respeito aos materiais desenhados – seria ótimo ter uma mesa digitalizadora ou um tablet para que eu pudesse fazer minhas animações online, mandar imprimir, entrar no mundo dos gifs e fazer interferências manuais digitais nas fotoperformances. A exposição do meu sonho é uma com as paredes desenhadas por mim, minhas fotoperformances, televisores que passam instruções de manipulação e criação dos materiais, Qrcodes com gifs de stop motion, flipbooks em lugares inusitados e um espaço de criação em conjunto com o público. Eu sei que ela vem por aí.

Obrigada por chegar até essa reta final comigo, e te vejo nos próximos capítulos.

REFERÊNCIAS

- ALM, Karen. Pinterest. Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/0f/54/cb/0f54cb9fe6dbce504cdf414042245e68.jpg>. Acesso em: 04/11/2021.
- ANICETO, Caco. Caco Aniceto. Youtube. / Disponível em: <https://www.youtube.com/c/CacoAniceto>. Acesso em: 20/10/2023. <https://doi.org/10.29327/5200592.1-5>
- BORBA, Ramana. Ramana Borba. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/ramanaborba/>. Acesso em: 20/10/2023.
- BUDIES, Science. Apparent Motion & Animation/ Science Project. Pinterest. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/65/cd/80/65cd805e1fd65cc93d418af4891ffb46.gif>. Acesso: 04/11/2023.
- BURTON, Tim. TIM BURTON. Tim Burton. Disponível em: <https://www.timburton.com/>. Acesso em: 20/10/2023.
- CALEGARI, Mari. Quem foram os irmãos Lumière?. Pinterest. Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/18/41/9f/18419f3f7763911538d65cb43058d2f4.jpg>. Acesso em: 04/11/2023.
- CENTRAL, Dread. Frankenweenie (2012): Time Lapse, Storyboards & Animators Behind The Scenes. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ewsblAUTbrM>. Acesso em: 20/10/2023.
- CINEMA, OTHER. Other Cinema. Other Cinema. Disponível em: <http://www.othercinema.com/otherzine/wp/wp-content/uploads/thaumatrope.gif>. Acesso em: 04/11/2023.
- F.S, Alexis. Alexis F.S Artista Visual. Alexis F.S. Disponível em: <https://www.alexisfs.com.br>. Acesso em: 20/10/2023. <https://doi.org/10.5040/9781350300446.A>
- FOUCHÉ, Pascal. Flipbook.info. Flipbook.info. Disponível em: http://www.flipbook.info/index_en.php. Acesso em: 04/11/2023.
- FUKUSHIMA, Eduardo. Homem torto (Crooked Man). Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cwyYp0_-eek. Acesso em: 20/10/2023.

GUIRÁU, Fernanda. Museu do Corpo (não) visto. Padlet. Disponível em: <https://padlet.com/fernandabguirau/museu-do-corpo-n-o-visto-se1ha9on99weehxz>. Acesso em: 20/10/2023.

GUIRÁU, Fernanda. Projeto de Criação - Corpografia. Padlet. Disponível em: <https://padlet.com/fernandabguirau1/projeto-de-cria-o-corpografia-hygobdksroyp5pu4>. Acesso em: 04/11/2023.

GUIRÁU, Fernanda. Sem Título. Artsteps. Disponível em: <https://www.artsteps.com/view/63beba0f915ffedcb1b02c3?currentUser>. acesso em: 20/10/2023.

KODATO, Yuji. YUJI KODATO. Yuji Kodato. Disponível em: <https://www.yujikodato.com/>. Acesso em: 29/10/2023.

SABOYA, Daniel. Dan-Sa/ Daniel Saboya. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/DanielSaboya>. Acesso em: 20/10/2023. /

S.F, Alexis. Alexis S.F Artista Visual. Alexis S.F. Disponível em: <https://www.alexisfs.com.br>. Acesso em: 20/10/2023. <https://doi.org/10.5040/9781350300446.A>

STEFFANINA, Matt. Matt Steffanina. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCczFdwWpVEpoqb-eMm4c4dQ>. Acesso em: 20/10/2023.

WELT, Bernard. Film Before Filme- Phenakistoscope, Zootrope, Praxinoscope. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r4B3FHHt_k8. Acesso em: 04/11/2023.